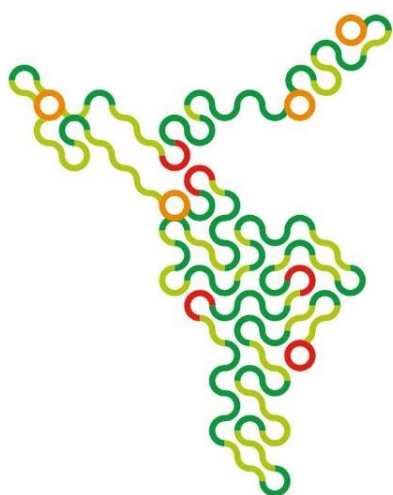


ANAIS DO EVENTO



III CONGRESSO
IBERO-AMERICANO
DE HUMANIDADES,
CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO:
**Produção e democratização
do conhecimento na
Ibero-América**

22 a 25 de maio de 2018

 Apoio:



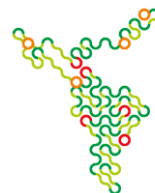
 Realização:



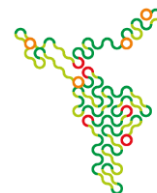
PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica



Universidade do Extremo Sul Catarinense
III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e
Educação
Produção e democratização do conhecimento na Ibero-América



RÁDIO, EDUCAÇÃO, CULTURA E DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO E DO CONHECIMENTO



TRABALHOS

ANÁLISE DO PAPEL SOCIAL DAS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS DE SANTA CATARINA A PARTIR DA PROGRAMAÇÃO.....	3
Izani Mustafá	
O CARÁTER PÚBLICO DA COMUNICAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DA PROGRAMAÇÃO DAS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS PÚBLICAS	15
Rafael Medeiros; Nísio Teixeira	
O PAPEL EDUCATIVO DO RÁDIO UNIVERSITÁRIO: O CASO DA RÁDIO PONTO UFSC	26
Valci Regina Mousquer Zuculoto; Guilherme Gonçalves Longo; Beatriz Hammes Clasen	
O ENSINO DO RÁDIO NOS CURSOS DE JORNALISMO COMO ESPAÇO PARA O DEBATE SOBRE A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO E DO CONHECIMENTO	36
Juliana Gobbi Betti; Karina Woehl de Farias	
O VOO DA ANDORINHA MENSAGEIRA NAS ONDAS DO RÁDIO URUSSANGUENSE	45
Karina Woehl de Farias; Charles de Sousa; Rafael de Farias Niero	
FORMAÇÃO VOLTADA PARA A COMUNIDADE - ATUAÇÃO DA RÁDIO ARCA FM.....	53
Nayane Cristina Rodrigues de Brito	
O PAPEL EDUCATIVO NA EXPERIÊNCIA DE RÁDIO DA OMBUDSMAN ADÍSIA SÁ.....	65
Diana de Azeredo; Valci Regina Mousquer Zuculoto	



ANÁLISE DO PAPEL SOCIAL DAS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS DE SANTA CATARINA A PARTIR DA PROGRAMAÇÃO

Izani Mustafá¹

Resumo: O artigo proposto tem como objetivo analisar o papel social das nove rádios universitárias com transmissões hertzianas e on line de Santa Catarina que surgiram entre 1997 e 2010. As emissoras pertencem a seis universidades. É que a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) tem a concessão de três canais educativos em funcionamento nas cidades de Florianópolis (100,1 FM), Joinville (91,9 FM) e Lages (106,9 FM); e a Universidade do Contestado duas: a Rádio UnC em Canoinhas (100,5 FM) e em Concórdia (106,3 FM). A Universidade do Vale do Itajaí tem a Rádio Univali (94,9 FM), a Universidade de Blumenau – Furb a Rádio Furb (107,1 FM), a Universidade do Alto do Vale do Itajaí a Rádio Unidavi (102,9 FM) e a Universidade do Oeste de Santa Catarina detém a concessão da Rádio Unoesc (106,7 FM). Para verificar o papel social das estações, primeiramente identificamos e conhecemos os programas informativos de cada uma no site e observamos se o conteúdo é voltado ao interesse público e social do cidadão/ouvinte. Num segundo momento ouvimos parte da programação de cada uma das rádios e ouvimos determinados programas. Quando foi constatada a falta de alguma informação, recorremos aos responsáveis pelo programa ou ao diretor de jornalismo ou da emissora. Utilizando essas metodologias, esperamos apontar as contribuições de cada emissora para disseminação da informação, da cultura e da qualidade com fins à democracia da comunicação e do conhecimento.

Palavras-chave: Rádio; Programação; Cidadania; Interesse Público;

Abstract: The purpose of this article is to analyze the social role of the nine university radios with radio and on - line radio broadcasts from Santa Catarina that emerged between 1997 and 2010. Broadcasters belong to six universities. The University of Santa Catarina (UDESC) has three educational channels in operation in the cities of Florianópolis (100.1 FM), Joinville (91.9 FM) and Lages (106.9 FM); and the University of Contestado two: Radio UnC in Canoinhas (100,5 FM) and Concordia (106,3 FM). The University of Vale do Itajaí has Univali Radio (94.9 FM), Blumenau University - FURB to Radio FURB (107.1 FM), Itajaí University Alto do Vale to Radio Unidavi (102.9 FM) and the University of Western Santa Catarina holds the concession of Radio UNOESC (106.7 FM). In order to verify the social role of the stations, we first identify and know the information programs of each one on the site and observe if the content is aimed at the public and social interest of the citizen / listener. In a second moment we hear part of the programming of each one of the radios and we hear certain programs. When the lack of information was found, we turned to those

¹ Professora de Radiojornalismo na Faculdade de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus Ielusc, Joinville (SC). Pesquisadora e bolsista Qualitec do Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (AudioLab/FCS/UERJ – 2014-2018), integrante do Grupo Rádio e Mídia Sonora da Intercom e do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas da FCS/UERJ. Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Email: izani.mustafa@gmail.com.



responsible for the program or to the director of journalism or the station. Using these methodologies, we hope to point out the contributions of each broadcaster to the dissemination of information, culture and quality for purposes of communication and knowledge democracy.

Keywords: Radio; Programing; Citizenship; Public Interest;

Rádio educativo no Brasil, o fio da meada

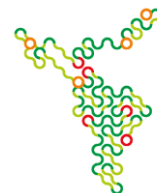
O presente artigo é um recorte de uma ampla pesquisa sobre as rádios universitárias no Brasil (MUSTAFA, et al., 2017) que identificou 100 emissoras pertencentes a 85 instituições de ensino superior. Deste total, 73 operam em canais AM e FM, com transmissão também pela internet, e 27 são WEBRádios, com irradiação somente on line.

O mapeamento, considerado preliminar, aponta como as primeiras emissoras universitárias no Brasil a Rádio da Universidade (1080 AM), pertencente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fundada em janeiro de 1951; a Rádio Universidade (1490 AM), da Universidade Federal de Itajubá (MG), que entrou no ar em 1961; e a Universitária (820 AM), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cujas transmissões iniciaram em 1963.

É necessário destacar que, de acordo com a legislação brasileira, não existe uma categoria específica para rádios universitárias. As outorgas são para as comerciais (AM e FM), educativas e comunitárias (somente na faixa FM). Por causa disso, as estações vinculadas às universidades públicas e privadas, e aos institutos federais de educação, ciência e tecnologia, são inseridas dentro da esfera da radiodifusão pública ou educativa.

Para definir o conceito de rádio educativo, nos apoiamos em Zuculoto (2012) e Pimentel (2009), e partimos da premissa de que a primeira emissora idealizada para a disseminação da educação e da cultura foi a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada pelo cientista e intelectual Edgard Roquette-Pinto em parceria com o presidente da Academia Brasileira de Ciências, Henrique Morize, em 1923. Roquette-Pinto acreditava que, por meio das ondas sonoras, seria possível contribuir para ensinar o povo que não sabia ler, numa década em que 65% da população era analfabeta¹. O slogan da emissora era “Trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”.

¹ INEP – **Mapa do analfabetismo no Brasil.**



Treze anos mais tarde, sem condições de manter a estação e sem recursos para modernizar e aumentar a potência do transmissor, o educador doou para o Ministério da Educação e Saúde do governo Getúlio Vargas. A condição era de que a rádio se mantivesse com cunho educativo. E assim a Sociedade do Rio de Janeiro passou a ser denominada de Rádio Ministério da Educação e Cultura e hoje é a atual Rádio MEC AM, pertencente à Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Um ano depois, em 13 de janeiro de 1937, é criado o Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE) pela lei de número 378, definindo que o objetivo era promover a irradiação de programas com caráter educativo.

Atualmente existem três documentos que definem a outorga das rádios educativas: o Decreto-Lei 236, de 28 de fevereiro de 1967, o Decreto nº 2.108, de 24 de dezembro de 1996, e a Portaria Interministerial nº 651, de 15 de abril de 1999. Segundo Lopes, estes documentos estabelecem que

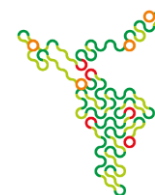
a radiodifusão educativa é o Serviço de Radiodifusão Sonora (rádio) ou de Sons e Imagens (TV) destinado à transmissão de programas educativo-culturais, que, além de atuar em conjunto com os sistemas de ensino de qualquer nível ou modalidade, vise à educação básica e superior, à educação permanente e à formação para o trabalho, além de abranger as atividades de divulgação educacional, cultural, pedagógica e de orientação profissional. (LOPES, 2011, p. 8).

Somente em 15 de abril de 1999 foi assinada a Portaria Interministerial nº 651 definindo os critérios de outorgas de concessões, permissões e autorização para execução dos serviços de radiodifusão exclusivamente educativa. O Artigo 1º diz que os programas educativo-culturais devem atuar em conjunto com os sistemas de educação de todos os níveis e modalidades, voltados para educação básica até o superior, e devem abranger as atividades de divulgação educacional, cultural, pedagógica e de orientação profissional, sempre de acordo com os objetivos nacionais. Outros artigos dão orientações sobre os objetivos de uma emissora educativa:

Art. 2º Os programas de caráter recreativo, informativo ou de divulgação desportiva poderão ser considerados educativo-culturais se nele estiverem presentes elementos instrutivos ou enfoques educativo-culturais identificados em sua apresentação.

Art. 3º A radiodifusão educativa destina-se exclusivamente à divulgação de programação de caráter educativo-cultural e não tem finalidades lucrativas.

Art. 4º O tempo destinado à emissão dos programas educativo culturais será integral nas emissoras educativas, sem prejuízo do estabelecido no artigo 28, item 12, do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, aprovado pelo Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963, no que couber.



Tendo a compreensão destas regras e conceitos que norteiam os objetivos de uma rádio educativa, a proposta desta pesquisa é analisar o papel social das emissoras de Santa Catarina, com concessões educativas e geridas pelas universidades, por meio da programação e dos programas informativos disponíveis em seus sites e/ou redes sociais. Por meio desta observação poderemos constatar se o conteúdo é voltado ao interesse público e social do cidadão ouvinte/internauta/usuário.

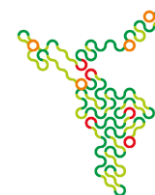
Para disso, partimos do entendimento de que programas informativos podem ser radiojornal, síntese noticiosa, especializado, documentário, entrevista, mesa-redonda e debate (FERRARETTO, 2014). A fim de completar a pesquisa, realizamos a escuta de determinados programas e, quando necessário, fizemos entrevistas com os responsáveis pelas estações, para apontar quais são as contribuições de cada uma para a disseminação da informação, da educação e da cultura com fins à democracia da comunicação e do conhecimento. Em determinadas estações, identificamos programetes e spots educativos e culturais que foram considerados importantes para este trabalho.

Na análise da programação das estações universitárias catarinenses não contabilizamos a Voz do Brasil – produzido pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC) –, os programas gerados pelas agências de comunicação e notícias, e instituições como Câmara dos Deputados e Senado Federal, e os esportivos. Apenas as produções informativas, educativas e culturais das próprias rádios.

A história das rádios universitárias em Santa Catarina começou em 1997

Santa Catarina, estado da Região Sul do Brasil, possui nove emissoras educativas que pertencem a seis instituições de ensino superior, públicas, privadas e apenas uma comunitária. A Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) tem a concessão de três canais educativos nas cidades de Joinville, Florianópolis e Lages. A Universidade do Contestado possui duas estações: uma em Canoinhas e outra em Concórdia.

Ano de fundação	Nome da Rádio	Universidade	Tipo	Frequência	Cidade
1997	Rádio Udesc FM	Universidade do Estado de Santa Catarina	Pública estadual	91,9 FM	Joinville

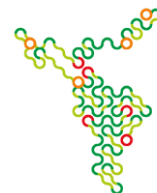


			Pública estadual	100,1 FM	Florianópolis
1998	Rádio Udesc FM	Universidade do Estado de Santa Catarina	Pública estadual	106,9 FM	Lages
1999	Rádio Univali FM	Universidade do Vale do Itajaí	Privada	94,9 FM	Itajaí
2003	Rádio Furb	Universidade Regional de Blumenau	Pública municipal	107,1 FM	Blumenau
2004	Rádio Unidavi FM	Universidade do Alto do Vale do Itajaí	Privada	102,9 FM	Itajaí
2005	Rádio Unoesc	Universidade do Oeste de Santa Catarina	Comunitária	106,7 FM	Joaçaba
2009	Rádio UnC	Universidade do Contestado	Pública municipal	100,5 FM	Canoinhas
2010			Pública municipal	106,3 FM	Concórdia

Rádio Udesc FM (91,9 FM) (100,1 FM) (106,9 FM)

A primeira Rádio Udesc FM é a de Joinville que entrou no ar em definitivo em 15 de novembro de 1997. Um mês depois, a emissora de Florianópolis começou as transmissões oficiais, com equipamentos cedidos pela Secretaria Estadual de Educação. A estação de Lages foi criada oficialmente em agosto de 1998. Cada uma tem uma programação. A Udesc Joinville (91,9 FM) tem 16 programas. Entre eles destacam-se os informativos e educacionais como o Jornal Udesc Cidade (ao vivo, de segunda a sexta-feira, ao meio-dia), Udesc Profissões (segunda-feira – 13h30), Saúde e Bem-Estar com entrevistas de profissionais da saúde (terça-feira – 20 horas), Rádio Universidade que divulga a extensão universitária (sexta-feira – 13 horas), Bom Jour (sábado – 9 horas) e Caffé Italia (sábado – meio-dia) – voltados, respectivamente, para a divulgação da cultura e língua francesa e italiana –, e Sustentabilize-se que aborda as metas globais do desenvolvimento sustentável (quinta-feira – 7h30). Os demais abordam diferentes aspectos culturais e músicas. O único voltado para o esporte é Debate Tricolor.

A Udesc de Florianópolis (100,1 FM) tem uma grade com 17 programas. Deste total, destacamos seis com cunho informativo e educativo: o Bom Dia Cidade, um programa com conteúdo de educação, cultura e serviço (diário – 8 às 12 horas), Estação Udesc que tem notícias da universidade e espaço para coberturas ao vivo do núcleo de Jornalismo da emissora (diário – 14 às 17 horas), Jornal Udesc (segunda a sexta-feira – 7h30 às 7h45), Atitudes Empresariais que faz parte de um projeto de extensão (terça-feira – 10h30), Nas Entrelinhas com entrevistas e debates sobre



ciência, política, economia, administração, mobilidade social e urbana com pesquisa, extensão e ensino (semanal de 15 minutos, sob a coordenação do Departamento da Administração Pública da Udesc Esag), e Educação Sexual em Debate (sexta-feira – 10h30, ao vivo).

A grade de programação da Udesc de Lages (106,9 FM) tem 11 programas, sendo que apenas dois contêm foco na informação com viés jornalístico: Bom dia Cidade (segunda a sexta-feira – 9 às 12 horas) e Estação Udesc (segunda a sexta-feira – 14 às 17 horas). Mas os programetes Equilíbrio (terça-feira – 8 e 13 horas) e Viver Bem Udesc (com inserção diária) tratam de saúde e o Panorama Agrícola da Epagri (segunda a sexta-feira – 7h45) e Prosa Rural da Embrapa (sábado – 8 horas) contemplam a área rural e os agricultores.

Rádio Univali (94,9 FM)

Pertence à Fundação Univali, mantida pela Universidade do Vale do Itajaí, iniciou as transmissões em caráter definitivo em 22 de março de 1999, numa outra frequência, alterada para a atual somente em 2001. No site a emissora define o seu papel educativo com jornalismo, cultura, música e informação durante 24 horas. Destaca ainda que a linha editorial é independente e na área jornalística apresenta conteúdos inéditos, apurados por jornalistas e estudantes do curso de Jornalismo. “Toda a produção da emissora está voltada à promoção da educação, da cultura e do entretenimento, com programas que contribuem para a construção e preservação da identidade cultural da região e a construção da cidadania.” (Rádio Univali, 2018).

A emissora tem uma grade com 32 programas e, boa parte, é musical, o que não impede que o apresentador de determinado horário divulgue informações a respeito da cidade e da universidade. Deste total, identificamos sete produzidos pela equipe e com fins informativos, educativos e culturais. O Direito de Resposta é um spot desenvolvido pelos acadêmicos do curso de Direito e trata sobre indagações jurídicas da comunidade (são cinco spots diários), Na Ponta da Língua dá dicas sobre o uso adequado da Língua Portuguesa (spots que têm duas inserções – manhã e tarde), Redação Univali é um programa jornalístico que conta também com comentaristas (segunda a sexta-feira – 18 às 19 horas), Repórter Univali que tem duração de dez minutos e é uma síntese noticiosa diária (segunda a sexta-feira, 7 às 8 horas e 12 às 12h10), o Tá Ligado tem música, cultura, informação, interatividade e prestação de serviço, dirigido aos jovens e ao mundo universitário (segunda a sexta-feira – 8 às 12 horas e 14h05 às 17h55), o Unirepórter que tem sete edições diárias e transmite notícias atuais da



região, estado, país e do mundo (segunda a sexta-feira – entre 9 e 17 horas) e Viva Voz com jornalismo e interatividade, apresentado de maneira descontraída com linguagem jovem (segunda a sexta-feira – 13h30 às 14 horas). O único programa esportivo é o Show de Bola, apresentado de segunda a sexta-feira, das 12h10 às 12h40.

Rádio Furb (107,1 FM)

A Rádio Furb (107,1 FM) é uma concessão da Universidade Regional de Blumenau e o seu slogan é “Uma rádio diferenciada”. Existe desde 2003 e entrou no ar com o objetivo de levar música e informação de qualidade aos ouvintes. Observando a grade de programação, verificamos a existência de 21 programas musicais que incluem diversos estilos, desde o erudito, a MPB, o rock, até o jazz, com espaços também para as bandas regionais e locais.

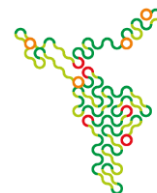
A partir de outubro de 2013, a estação passou a ser ouvida on line e ofertar ao ouvinte locuções ao vivo com jornalismo diário e sínteses noticiosas durante a programação. A instalação do curso de Jornalismo, em 2014, incentivou a irradiação de mais informação. Com a denominação Furb Notícias, está no ar desde o início de 2018, com duração de aproximadamente dois minutos, veiculados de segunda a sexta-feira, em sete horários: 7h15, 8h30, 9h15, 11h15, 14h15, 16h15 e 18 horas. Os boletins são produzidos e apresentados por jornalistas da Furb TV e também por acadêmicos do curso de Jornalismo.

De acordo com a chefe de Jornalismo da Rádio e TV da Furb, Giovana Pietrzacka, o Furb Notícias substituiu o Jornalismo em Ação, produzido dentro da disciplina de Radiojornalismo que ela ministrava. A estreia ocorreu na I Semana Acadêmica do Curso de Jornalismo, em novembro de 2015. De 2015 a 2017 os boletins Jornalismo em Ação foram veiculados de segunda a sexta-feira, em três horários: 7h15, 15 e 18 horas.

A Furb FM também apoia eventos culturais e artísticos com a finalidade de estimular a cidadania.

Rádio Unidavi (106,7 FM)

A rádio educativa da Universidade do Alto Vale do Itajaí (Unidavi) entrou no ar em 6 de abril de 2004, na cidade de Rio do Sul, com a proposta de oferecer ao ouvinte música de qualidade, cultura



e informação. De acordo com uma notícia do portal, a emissora tem uma equipe de comunicadores, entre eles, estagiários e voluntários. A grade está dividida em duas partes. Uma tem os programas diários e a outra os semanais, totalizando 19. A maioria é musical e alguns têm informação como o Plugado (diário - 14 horas), Som da noite (diário – 20 horas), que tem música, cultura e informação. Entre os semanais destacamos o Entrevista Unidavi com assuntos da comunidade (sábado – 12 horas), o Hora Alemã com valorização da tradição germânica (domingo – 9h30) e o Che Bella Sei voltado para a cultura italiana (domingo – 16h30).

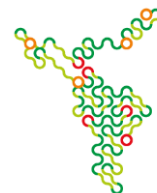
A rádio educativa também mantém numa grade separada a relação de cinco programetes: Assunto do Dia para que o ouvinte dê sua opinião sobre algo relevante, Cuidados Unilabor com dicas do Laboratório de Microbiologia da Unidavi, Em Cima da Hora com notas informativas da região, estado e Brasil, Minuto Apae, voltado para orientações e dicas de atendimento aos portadores de necessidades especiais e familiares, e Universo Unidavi com notícias sobre o que acontece na instituição.

Rádio Unoesc (106,7 FM)

A emissora entrou no ar em 6 de setembro de 2005 e é mantida pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, no município de Joaçaba. Tem uma programação predominantemente musical, mas existem alguns informativos que são apresentados durante o dia pelos locutores. Além disto, muitas reportagens são postadas como podcasts no Soudcloud para seus ouvintes/internautas/usuários. Um deles é o Rádio Unoesc que é transmitido das 13 às 14 horas, de segunda a sexta-feira. À tarde, das 14 às 18 horas, a rádio educativa tem um programa de variedades com música, dicas e informações jornalísticas, educativas, de entretenimento, e com espaço para debate. E pela manhã, das 7 às 7h30, tem música e informação.

Rádio UnC (100,5 FM) e (106,3 FM)

A educativa de Canoinhas (100,5 FM) foi fundada em 7 de maio de 2009. Um ano depois a rádio de Concórdia (106,3 FM) começou a operar em 7 de dezembro de 2010. Ambas são concessões da Universidade do Contestado e tem, predominantemente, uma programação musical variada voltada para os jovens e tendo na apresentação uma locução descontraída e informal.



Durante a escrita deste artigo, nenhuma das estações tinha uma grade de programação ou uma relação de programas semanais. Em contato com a UnC de Concórdia pela rede social Facebook, obtivemos a resposta de que a grade está em processo de mudança e a rádio está tocando só música. A previsão é de que até a segunda quinzena de junho a emissora apresente e coloque no ar vários programas.

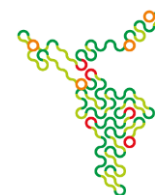
Numa audição da Rádio UnC de Canoinhas, na manhã de 17 de maio de 2018, verificamos que a locutora leu informações sobre a previsão do tempo para a região do Planalto Central e Santa Catarina, caracterizando uma prestação de serviço ao ouvinte/internauta/usuário, característica importante de uma emissora educativa.

O papel social das rádios universitárias, considerações finais

Sem dúvida nenhuma, todas as nove rádios que pertencem a seis universidades de Santa Catarina fazem jus ao canal educativo que detém. A primeira emissora universitária do estado é a Rádio Udesc de Joinville e de Florianópolis. Há 20 anos, a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) colocou no ar duas estações que funcionam nas maiores cidades catarinenses. Cada uma, assim como a de Lages, fundada em 1998, tem a sua programação. A de Joinville tem 16 programas voltados para informação, educação, cultura e saúde. A de Florianópolis 17 e a de Lages, 11. As três têm pelo menos um radiojornal na programação e produzem conteúdos radiofônicos voltados à comunidade acadêmica e externa. Entre os temas, destacamos saúde, comportamento, ciências, serviços e educativos e culturais.

A Rádio Univali tem na grade 32 programas, sendo que uma boa parte é musical. No entanto, cumpre com seu papel social porque dentro da programação, entre as músicas do playlist, os apresentadores lêem notícias. Além disto, a emissora transmite spots educativos, como o Na Ponta da Língua com dicas sobre como falar corretamente, e programas informativos: Redação Univali, Repórter Univali e o Unirepórter.

A Rádio Furb ganhou novo incentivo desde que o curso de Jornalismo começou a funcionar em 2014. Entre 2015 e 2017 estava no ar o informativo Jornalismo em Ação. Desde o início de 2018 ganhou outra denominação e agora é veiculado em sete horários ao longo do dia, começando às 7h15 e indo até às 18 horas. A novidade é que os boletins são produzidos e apresentados por jornalistas da Furb TV e estudantes do curso de Jornalismo.



A Rádio Unidavi tem programas diários e semanais e, apesar do predomínio musical tem informativos como o Plugado e Entrevista Unidavi, e os educativos voltados para tradições culturais: Hora Alemã e o Che Bella Sei. Mas a grade indica a existência de cinco programetes: Assunto do Dia, Cuidados Unilabor, com dicas do laboratório de Microbiologia da universidade, Em Cima da Hora com notas informativas, Minuto Apae e Universo Unidavi. Desta maneira, a estação universitária contempla os ouvintes com programas de interesse público e está focada no seu papel dentro da sociedade.

A emissora da Unoesc também tem uma programação praticamente musical, mas ouvimos locutores lendo notícias e localizamos podcasts de reportagens que vão ao ar durante o dia. Apenas o Rádio Unoesc, que tem duração de uma hora no início da tarde, tem informação.

A Rádio UnC, a mais nova entre as universitárias de Santa Catarina, também tem uma programação mais musical e, até o final desta escrita, não tinha um site com a grade de programação. A estação de Concórdia, no entanto, nos informou que a partir da segunda quinzena de junho irá colocar no ar diversos programas.

O que percebemos também é que as nove emissoras têm uma equipe reduzida. Contam com jornalistas, estagiários dos cursos de comunicação, voluntários e abrem espaço para que pessoas físicas ou jurídicas e departamentos de outros cursos da universidade produzam programas especializados, voltados para a formação da cidadania, pluralidade e diversidade.

A maioria procura apoiar os artistas locais e regionais, reproduzindo suas músicas, realizando entrevistas, divulgando espetáculos e a agenda cultural. Além disto, organizam coberturas Ao Vivo de determinados eventos que envolvam as instituições e sejam de interesse da comunidade onde estão inseridas, como a realização do vestibular e as diversas campanhas de saúde e as educativas.

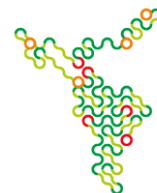
Referências

BARBOSA Filho, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

DEUS, Sandra de. **Rádios Universitárias Públicas: compromisso com a sociedade e com a informação**. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 327-338, jul.-dez. 2003.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio, teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFÁ, Izani; HANG, Lorena; MATOS, Cristiana Martins de. **História do Rádio Universitário no Brasil – Uma Primeira Abordagem**. Artigo apresentado no



GT História da Mídia Sonora, durante o 11º Encontro Nacional de História da Mídia, na Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 8 a 10 de junho de 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFÁ, Izani; PIERANTI, Octavio Penna; HANG, Lorena; MATOS, Cristiana Martins de. **Rádios universitárias no Brasil: um campo em constituição**. Versão revista e ampliada de trabalho apresentado durante o 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em Curitiba, PR, Brasil, em setembro de 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFÁ, Izani; MATOS, Cristiana Martins de. **Cartografia das Rádios Universitárias no Brasil (1950-2016)**. Artigo apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 6 a 9 de setembro de 2017.

LOPES, Cristiano Aguiar. **Regulação da radiodifusão educativa**. Brasília: Consultoria Legislativa, 2011. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/estudos-e-notas-tecnicas/areas-da-conle/tema4/2011_63.pdf.

LOPEZ, Debora; AVELAR, Kamila; VIANA, Luana. **Webrádios das Universidades Federais da Região Sul do Brasil**. In: 10º Encontro Nacional da História da Mídia. Porto Alegre: 3 a 5 de junho de 2016.

MARTÍN-PENA, Daniel, PAREJO CUÉLLAR, Macarena, VIVAS MORENO, Agustín. **La radio universitaria – Gestión de la información, análisis y modelos de organización**. Barcelona: Gedisa, 2016.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**. São Paulo: Summus, 1999.

PIMENTEL, Fábio Prado. **O rádio educativo no Brasil, uma visão histórica**. Rio de Janeiro: Soarmec Editora, 2009.

THIBES, Fabíola. **A busca por um modelo de programação informativa em webrádios: o caso da Rádio Ponto**. In: Rádio-leituras. Ano IV, Num 02. Edição Julho – Dezembro 2013.

ZUCULOTO, Valci. **A programação das rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.

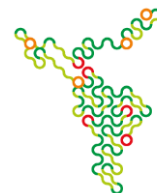
_____. **No ar – A história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.

Sites pesquisados

Furb FM celebra 10 anos com novidades na programação. Blumenau, 14 de outubro de 2013. <<http://www.furb.br/web/3727/multimidia/furb-fm/noticias/furb-fm-celebra-10-anos-com-novidades-na-programacao/2351>>. Visitado em 18 de maio, às 11 horas.

INEP – Mapa do analfabetismo no Brasil

<<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>>. Visitado em 20 de maio de 2018, às 21h30.



Rádio Udesc FM completa 20 anos com programação especial em três municípios. Florianópolis, 26 de junho de 2017.

http://www.udesc.br/noticia/radio_udesc_fm_completa_20_anos_com_programacao_especial_em_tres_municipios>. Visitado em 14 de maio de 2018, às 15h10.

Rádio Udesc FM. <<http://www.udesc.br/radio>>.

Rádio Uesc. <<http://radio.uesc.br/3.html>>.

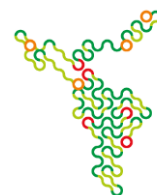
Rádio Furb. <<http://www.furb.br/web/1331/multimedia/furb-fm/apresentacao>>.

Rádio Unidavi. <<https://unidavi.edu.br/radio/>>. <<https://www.unidavi.edu.br/noticia/2013/4/ouca-a-diferenca>>.

Rádio Univali. < <https://www.univali.br/institucional/radio-univali>>.

Rádio UnC. <<http://www.uncfm.com.br/>>. <<https://www.facebook.com/uncfm/>>.

Rádio Unoesc. <<http://www.unoesc.edu.br/radio>>.



O CARÁTER PÚBLICO DA COMUNICAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DA PROGRAMAÇÃO DAS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS PÚBLICAS

Rafael MEDEIROS¹
Nísio TEIXEIRA²

Resumo: Este trabalho se desdobra de uma pesquisa que analisou as programações das rádios UFMG Educativa e UFOP Educativa com o objetivo de identificar as características dos modelos de programação das rádios universitárias públicas. A programação das rádios educativas vem sendo construída desde o início da radiodifusão no Brasil, considerando que as emissoras pioneiras já tinham uma visão de que a radiodifusão deveria ser propagadora de educação e cultura. As emissoras vinculadas a universidades federais têm uma história de mais de 60 anos e constituem um universo representativo de 28 rádios que, enquanto públicas e educativas, incorporam as características dessa construção e adicionam seus aspectos próprios, que as particularizam dentro do universo das rádios públicas: o espaço universitário (plural, democrático e abrangente), a divulgação da produção universitária, refletindo seu lugar privilegiado para divulgação científica, e a noção de que são espaços de formação complementar. Esses aspectos são fundantes para a constituição dos modelos de programação e de produção de conteúdo das rádios universitárias públicas. Assim, a proposta é articular esses aspectos característicos com a noção precípua de que as emissoras devem se orientar também pela percepção de seu caráter público e a partir dessa confluência estabelecer suas programações.

Palavras-chave: rádios universitárias; comunicação pública; programação radiofônica.

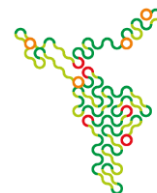
THE PUBLIC CHARACTER OF COMMUNICATION IN THE CONSTITUTION OF PUBLIC UNIVERSITY RADIO PROGRAMMING

Astract: This paper analyses the schedules of UFMG Educativa and UFOP Educativa radios in order to identify the aspects of public university radio programming models. The programming of educational public radios has been built since the beginning of broadcasting in Brazil, considering that the pioneer broadcasters already had a view that it should propagate education and culture. Broadcasters linked to federal universities have an over 60 years of history and constitute a representative universe of 28 radios which features of this construction and add its own aspects, which distinguishes them in the public radio world: the university space (plural, democratic and inclusive), the propagation of university production, reflecting its privileged place for scientific dissemination, and the notion of being spaces for complementary qualification. These aspects are fundamental for the constitution of programming models and content production of public university radios. Thus, the proposal is to articulate these aspects with the basic notion that broadcasters should also be guided by the perception of their public character and establish their schedules from that confluence.

Keywords: university radios; public communication; radio programming.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana - MG, Brasil. E-mail: rfmedeiros13@gmail.com

² Professor Adjunto vinculado ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, Brasil. E-mail: nisiotei@gmail.com



Introdução

Para a compreensão do caráter público das emissoras universitárias é preciso primeiramente definir o viés do entendimento desse conceito que é amplo e muitas vezes usado de forma equivocada para se referir às lógicas comunicacionais. No Glossário da Comunicação Pública, Duarte e Veras (2006) apontam cinco abordagens principais acerca do entendimento do conceito de comunicação pública: praticada na esfera pública; realizada pelo Terceiro Setor; realizada por meio da radiodifusão pública; praticada pelo setor público e realizada pelo próprio Governo.

Interessa especialmente no âmbito do presente trabalho a definição que trata a comunicação pública como aquela realizada por meio de radiodifusão pública, entendida como um

resultado do movimento de democratização ocorrido durante a década de 80 e surgiu com a promulgação da Constituição Federal de 1988 que instituiu, mesmo que implicitamente, três sistemas complementares de serviços de radiodifusão, quais sejam o privado, o público e o estatal (art. 23 da CF/88). (DUARTE e VERAS, 2006, p. 11)

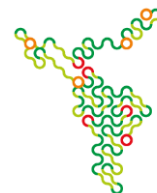
Ao apresentar a radiodifusão pública como um sistema público, os autores concordam com a argumentação de Tomaz Jr. (2004), considerando que

por ‘sistema público’ entende-se não as instituições do ‘setor público’, que se confunde com o estatal, mas sim os espaços e organizações geridos de forma ‘pública’: coletiva, transparente, em observância de princípios democráticos de participação e de controle social. Obviamente, o tipo de conteúdos, a natureza da organização, entre outros elementos, como a propriedade, também compõem o mosaico de itens que serve para denotar o caráter público aqui referido (TOMAZ JR., 2004)

Os estudos mais recentes acerca da comunicação pública no Brasil concordam que essa é uma temática ainda em construção, muito porque a legislação sobre comunicação é bastante defasada no país e os entendimentos sobre o conceito são amplos e múltiplos. De acordo com Guerreiro (2016, p. 38), esses estudos

envolvem tanto a ideia de que a comunicação pública manifesta-se por meio da relação entre Estado e cidadãos, incluindo sujeitos institucionais, quanto o posicionamento que defende a comunicação pública como realização do interesse da sociedade, independentemente dos sujeitos serem atores privados ou públicos. (GUERREIRO, 2016, p. 38)

Mesmo diante da dicotomia entre a possibilidade de se ter uma comunicação de interesse público independente, mas financiada por esferas governamentais, como é a realidade das emissoras não comerciais no Brasil, a discussão deve ser trazida para além dos atores e vinculações, mas levando em conta também que “as tentativas de definição da comunicação pública passam pela definição do caráter de público, dos cenários e princípios em que essa comunicação estabelece-se” (GUERREIRO,



2016, p. 39).

Nesse sentido, vale citar a abordagem de Hannah Arendt (2007) que considera público aquilo que está acessível a todos, em sentido social amplo, mas também aplicável à comunicação no que tange à sua contribuição para a formação de uma arena que reflete a vida social. Ainda no mesmo sentido, Pablo Kossa coloca que “a comunicação pública teria como objetivo promover o debate do que é de interesse público dentro da esfera pública, como um referencial qualitativo diante da lógica do quantitativo” (KOSSA, 2010, p.34).

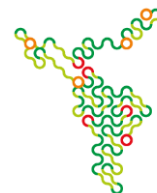
Para Duarte (2007), o conceito de comunicação pública tem origem no seu entendimento enquanto comunicação governamental e apenas a partir da década de 1980 começa a ser considerado com outras definições, através de “conceitos como cidadania, democratização, participação, diálogo, interesse público”. (DUARTE, 2007, p. 1).

Ao falar das mudanças que o conceito de caráter público vem passando, Jesús Martín-Barbero (2002), tece uma crítica ao espaço público latinoamericano que “historicamente era confundido com – ou submerso no – estatal” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 49). No Brasil, a construção da mídia pública enfrenta essa mesma dicotomia entre o caráter público e o estatal, uma fronteira que leva em conta questões de financiamento e gestão que acompanham argumentos referentes a aspectos de construção da programação que essas emissoras se propõem a veicular e ao interesse do estado no tipo de conteúdo que é veiculado. Para elucidar a questão e propor uma perspectiva que entenda o espaço público e a comunicação pública para além do Estado, Martín-Barbero recorre a Germán Rey (1998) que

explicitou e desenvolveu essa articulação, que funde caráter público com *interesse comum*, *espaço cidadão* e *interação comunicativa*: circulação de interesses e discursos em plural, já que o que têm em comum não nega absolutamente o que têm de heterogêneos; pois é isso que permite o reconhecimento da diversidade da qual é feita a *opinião pública*, o seu contraste. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 50, grifos do autor)

Nesse sentido, é possível e oportuno desabonar o entendimento de comunicação de caráter público como comunicação feita pelo governo ou manipulada por ele. A comunicação pública é entendida aqui como comunicação de interesse público, de interesse do comum, da sociedade, do plural, em detrimento de um modelo de comunicação que parte verticalmente de um comando (estatal, por exemplo) em uma lógica ultrapassada que privilegia poucas vozes.

Essa pesquisa, referenciando nos seus objetos empíricos - as programações da Rádio UFMG



Educativa e da Rádio UFOP Educativa -, abarca o entendimento de que a comunicação pública se realiza no interesse da sociedade, e que esse interesse social, interesse público, deve ser, portanto, determinante para as configurações das programações e linguagens das emissoras de caráter público.

A noção de caráter público na comunicação

Pensando na natureza pública da comunicação, o conceito de emissora pública se constitui a partir de três pré-requisitos que foram sintetizados por Eugênio Bucci (2010), a saber: a **natureza jurídica da instituição**, o **financiamento** e a **gestão**.

Por mais redundante que possa parecer, para Bucci a natureza jurídica de uma emissora pública especificamente não pode ser de propriedade particular, embora muitas estejam ligadas a fundações e organizações não governamentais. Nesse eixo observado pelo autor, é precípua que a instituição não seja comercial, não objetive o lucro e não esteja submetida a intervenções do governo. Mesmo quando estatais, a gestão das emissoras deve ser autônoma ao poder do governo a que se vincula.

O segundo pré-requisito para que uma emissora se constitua pública é que seu financiamento também seja de caráter público, ou seja, mesmo que vindo de fundos privados ou governamentais, o financiamento não deve comprometer a independência da emissora.

O que mais conta, aqui, é que a origem do dinheiro não se reflita, nem mesmo indiretamente, na orientação editorial da emissora, para que interesses particulares não exerçam pressão sobre a definição da pauta jornalística e da programação em geral. Para ser pública, o pré-requisito do financiamento de caráter público precisa ser atendido, desvinculado de pressões oriundas do Estado ou do mercado. (BUCCI, 2010, p. 11).

Os dois eixos já citados não se estabelecem sem a observação do terceiro pré-requisito apresentado por Bucci (2010), de que “o que define o caráter verdadeiramente público de uma emissora de radiodifusão é a gestão independente”, ou seja, uma emissora que se autoproclama pública não deve se sujeitar a pressões institucionais, políticas e até mesmo à busca por audiência que é própria das emissoras comerciais.

Apenas a partir da observância desses pré-requisitos é possível pensar em uma programação de caráter público. Esses pressupostos são

a condição prévia para que a entidade esteja preparada para pensar, conceber, planejar, produzir e pôr no ar uma programação de caráter verdadeiramente público. No caso



brasileiro, [...] o problema não está na avaliação da grade ou dos programas exibidos, mas justamente incide sobre tais pré-requisitos. (BUCCI, 2010, p. 12)

No entendimento de Zuculoto (2012), mais que por nomenclatura ou força da lei, a radiodifusão pública se constitui como tal sobretudo a partir da programação que veicula. A autora também concorda que é através dos seus modelos de programação que rádios não comerciais, sejam elas educativas, culturais, estatais ou universitárias, passaram a se autoproclamar públicas e se encaixar nesse perfil.

As emissoras universitárias carregam algumas particularidades na constituição de suas programações também no que tange a aspectos dos eixos trazidos por Bucci como pré-requisitos de uma emissora pública, mas vão além desses aspectos a partir da verificação do próprio espaço da universidade e dos traços que ligam o espaço público - coletivo e democrático - às associações trazidas pelo autor.

Aspectos característicos dos modelos de programação das rádios universitárias públicas

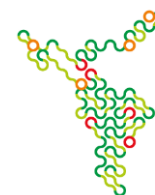
A construção da programação de uma rádio se orienta por diversos critérios que formatarão as características da emissora. Esses critérios tendem a moldar o lugar onde a emissora se posiciona dentro do sistema de radiodifusão e no caso das rádios universitárias esse lugar é concebido pela própria configuração do espaço da universidade, como explicitado acima, e de maneira muito contundente pela relação com seu público. Martí entende que

[...] a programação também pode ser definida como uma arte que reúne os programas e os públicos a que são destinados, o que supõe que se coloque em prática uma técnica de duas articulações: a dos tempos de emissão com a dos tempos sociais [...]. (MARTÍ¹ apud ZUCULOTO, 2012, p. 46, tradução nossa)²

Essa combinação entre programação, influência interna e de público leva em conta também as particularidades de produção do conteúdo que é veiculado. No caso das rádios universitárias ainda há uma preocupação com seu caráter educativo e para potencializar distintas vozes internas da universidade. As estratégias de programação de uma emissora levam em conta os tipos de gêneros e

¹ MARTÍ, Josep Maria. La programación radiofónica. In: MARTÍNEZ-COSTA, M^a Pilar y MORENO MORENO, Elsa. Programación radiofónica – Arte y Técnica Del diálogo entre la radio y su audiencia. Barcelona: Ariel, 2004.

² [...] la programación también puede ser definida como un arte de encuentro entre los programas y los públicos a los que van destinados, lo que supone la puesta en práctica de una técnica de doble articulación: la de los tiempos de emisión con la de los tiempos sociales; [...].



programação veiculada que estão ligados ao serviço que as rádios se destinam a prestar. Sandra de Deus (2003), a partir de observação de Herrera Huérfano (2001), verifica que

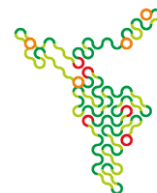
a função social de uma rádio universitária é oferecer uma produção que cubra a maior parte dos setores da população. Isso não significa somente que deve atingir o maior número de ouvintes, mas oferecer uma programação que corresponda aos interesses de diferentes setores da população. [...] Significa que as rádios universitárias públicas não podem estar voltadas à divulgação de uma só forma de expressão, cultura, arte ou pensamento, mas sim, especialmente, a todas aquelas que os modelos de radiodifusão comercial ignoram. (DEUS, 2003, p. 310-311)

A programação das rádios públicas educativas vem sendo construída desde o início da radiodifusão no Brasil. As rádios das universidades federais, como públicas e educativas, incorporam as características dessa construção e adicionam seus aspectos próprios, que as particularizam dentro do universo das rádios públicas: o **espaço universitário** (plural, democrático e abrangente), a **divulgação da produção universitária** e a **rádio como espaço de formação complementar**. Esses aspectos são fundantes para a constituição dos modelos de programação e de produção de conteúdo das rádios universitárias públicas. O estudo de Sandra de Deus (2005), referenciado nas experiências latinoamericanas, também considera que os parâmetros para pensar as rádios das universidades federais brasileiras precisam estar de acordo com os aspectos mencionados.

O aspecto que leva em conta as peculiaridades do espaço das universidades públicas como característica própria que orienta uma programação de caráter público, plural e abrangente nas rádios universitárias é colocado por Herrera Huérfano (2001, p. 66-67) como uma noção necessária para o cumprimento de uma função sociocultural da radiodifusão como serviço público. Esse aspecto é colocado aqui como parte integrante do espaço universitário público onde as emissoras estão inseridas, e, “desse modo, uma das primeiras características das emissoras universitárias públicas é o reconhecimento da pluralidade cultural através de espaços destinados para diferentes públicos”. (DEUS, 2005, p. 91).

A noção das funções da radiodifusão universitária passa pelas próprias características da universidade, que por sua natureza é um local de “[...] convergência multicultural [...] [que] deve se estabelecer como um lugar de estudo e difusão de diferentes manifestações sociais e culturais [e que] deve ser o centro e espaço de processos de participação e democracia” (HERRERA HUÉRFANO, 2001, p. 64, tradução nossa)³. A noção de público (também tangente a espaço), referenciada

³ [...] convergencia multicultural [...] debe establecerse como un sitio de estudio y difusión de las diferentes



anteriormente por Hannah Arendt, está atrelada a essas características.

As rádios universitárias devem ter a perspectiva do espaço singular em que estão inseridas e a partir dele pensar um modelo de programação – e não o contrário – plural e abrangente. Herrera Huérfano faz a ligação entre a radiodifusão pública universitária, o espaço e essa concepção de caráter público das emissoras:

Pensar em diferentes públicos e, sobretudo, nestes como grupos capazes de se desenvolverem e crescer implica assumir, a partir da produção radiofônica, o objetivo de informar, educar (mais que simplesmente entreter) e assumir um sistema de radiodifusão como serviço de interesse público. (HERRERA HUÉRFANO, 2001, p. 66, tradução nossa)⁴

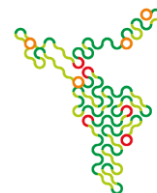
O segundo aspecto verificado como característico das emissoras públicas universitárias é o papel delas como rádio-laboratório. Nos poucos estudos sobre a radiodifusão universitária, essa noção de rádio como laboratório é apontada levando em conta a possibilidade do uso da emissora pelos alunos da universidade como um espaço complementar ao da sala de aula. Essa função das emissoras servindo experimentalmente para atividades didáticas vem desde as primeiras rádios universitárias. Sandra de Deus (2003), considera que esse aspecto é importante função das rádios universitárias porque

é na atividade laboratorial desenvolvida na emissora de rádio da universidade que os estudantes ultrapassam os estreitos espaços da sala de aula e da avaliação do professor. Aprendem que no rádio não existem espaços em branco, frases recheadas de adjetivos e que a mensagem radiofônica é fruto de um excelente conhecimento da língua, da agilidade na interpretação do fato e no rigor da pesquisa jornalística. Acabam por dividir com a sociedade o seu fazer e a sua avaliação. (DEUS, 2003, p. 312)

Para além dos estudantes de comunicação de maneira estrita, as rádios universitárias podem servir de laboratório para a comunidade acadêmica de maneira geral, uma vez que, conforme será explicitado adiante, essas emissoras abarcam produções de professores e servidores dos mais diversos núcleos das universidades e até mesmo da comunidade externa, considerando que essas atividades colaborativas desempenhadas no âmbito das rádios universitárias contribuem para a construção do conhecimento e experimentação. Ou seja, são laboratórios para experimentação do que é ensinado das salas de aula, mas também são pontos de partida para o aprendizado.

manifestaciones sociales y culturales, debe ser centro y espacio de procesos de participación y democracia.

⁴ Pensar en diferentes públicos y, sobre todo, en éstos como grupos capaces de desarrollarse y crecer implica asumir, desde la producción de radio, el objetivo de informar, educar (más que el de simplemente entretener) y asumir un sistema de radiodifusión como servicio de interés público.



No entendimento de Kempf (2003), citada por Sandra de Deus (2003), o aspecto das rádios universitárias como espaços de formação complementar beneficia os estudantes, mas também as próprias emissoras:

A liberdade de experimentar novos formatos, de inovar quanto ao conteúdo da programação, beneficia a formação de uma rádio diferente das comerciais e, ao mesmo tempo, desenvolve nos estudantes, conhecimento e criatividade para a realização da futura atividade profissional (KEMPF⁵ apud DEUS, 2003, p. 314)

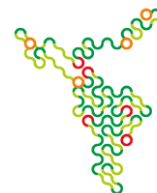
Nesse mesmo sentido, o ex-diretor da Rádio UFMG Educativa, Elias Santos, leva em conta as experiências de formação complementar na emissora para pontuar que para que elas cumpram seu papel, as emissoras não podem “trabalhar só com o experimentalismo, os alunos devem conhecer as particularidades do rádio”. (SANTOS, 2014, p. 15).

Partindo de algumas experiências da Rádio UFOP Educativa e da Rádio UFMG Educativa, nessa pesquisa a compreensão da função das rádios universitárias como laboratórios abarca a noção de prolongamento das salas de aula, mas expande o entendimento como possibilidade de experimentação e aprendizado não só para os estudantes, levando em conta a abertura das emissoras a iniciativas externas e extensionistas. Nas duas emissoras existem colaborações vindas da comunidade externa, de coletivos desvinculados das universidades que adquiriram conhecimento radiofônico a partir da experiência nas rádios. Esse entendimento é bastante híbrido com aspecto do espaço universitário público no sentido de dar espaço a diferentes vozes, de democratizar o espaço.

O coordenador de jornalismo da Rádio UFOP Educativa, Gláucio Santos (2017), também considera que o aspecto de formação complementar abrange o estagiário em suas relações com as atividades acadêmicas, mas também é um processo sistemático que abrange os colaboradores externos, os professores e funcionários que colaboram com a rádio e que recebem instruções técnicas sobre os procedimentos de produção em radiodifusão.

Embora a divulgação científica esteja presente no jornalismo de forma geral, é preciso destacar aqui a condição privilegiada das rádios universitárias no sentido de proximidade com a produção científica e assim a possibilidade de explorar o conteúdo e decodificar de maneira mais correta e responsável a informação técnica que será transmitida ao ouvinte.

⁵ KEMPF, Helena de Oliveira. Rádio Universitária Pública: reflexão sobre sua função. 2003. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação)- Curso de Jornalismo, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, mar. 2003. Não publicado.



Os estudos sobre divulgação científica de maneira geral mostram uma evolução das iniciativas seguindo o próprio avanço da ciência e também a partir da observação da importância de popularizar a ciência para um público mais diverso e heterogêneo possível. Esse aspecto dentro da universidade (não só nas rádios) tem um sentido limítrofe entre divulgação institucional e serviço público.

Para Bueno (2010),

a divulgação científica cumpre função primordial: democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica. Contribui, portanto, para incluir os cidadãos no debate sobre temas especializados e que podem impactar sua vida e seu trabalho, a exemplo de transgênicos, células tronco, mudanças climáticas, energias renováveis e outros itens. (BUENO, 2010, p. 5)

Através da divulgação científica, as rádios universitárias públicas conseguem aproximar um dos aspectos mais restritos da universidade (seja pela falta de acesso ou pela dificuldade de entendimento) ao público geral. Essa aproximação ganha em importância ao verificarmos o acercamento entre as pesquisas realizadas nas universidades e a vida cotidiana da população. Nesse sentido, levando em conta também o alcance do rádio, a programação das emissoras universitárias públicas é importante vetor para a divulgação do conhecimento produzido no âmbito da universidade e tem capacidade de

contribuir com a melhor qualidade de vida e estimular a cidadania nos seus radiouvintes. Estimular a cidadania significa, aqui, colocar em prática, na rádio universitária, programação que gere transformação social, mediante divulgação científica capaz de formar conscientemente a opinião do público da emissora. (ASSUMPÇÃO, 2004, p. 6)

Esse aspecto, portanto, está diretamente ligado com várias características inerentes a universidades públicas como espaços democráticos de estímulo à cidadania e que geram transformação social de diferentes maneiras, referenciando assim à primeira particularidade evidenciada nesse tópico como característica dos modelos de programação e produção de conteúdo nas rádios universitárias federais.

Considerações finais

As abordagens acerca da comunicação pública no Brasil possibilitam o entendimento de que as emissoras não comerciais demarcam seus lugares enquanto rádios de caráter público a partir da programação que veiculam. A partir dos eixos preponderantes observados por Eugênio Bucci (2010) para a existência de uma emissora pública, é possível pensar a aderência das rádios universitárias



nessa configuração, porém é preciso considerar os aspectos observados pela análise que particularizam as emissoras universitárias.

Através da pesquisa com foco nos modelos de programação da Rádio UFMG Educativa e UFOP Educativa foi possível encontrar três eixos comuns particularizantes das programações das rádios universitárias, considerando que a essência do próprio espaço universitário exerce influência sobre as formas de produção e organização da programação, levando em conta que essas emissoras têm lugar privilegiado para difusão do conhecimento científico e também avaliando o caráter delas enquanto laboratórios de experimentação para formação complementar dos discentes da universidade e dos colaboradores de segmentos diversos que produzem conteúdo para as rádios.

A partir desses três eixos se percebe que as emissoras vinculadas a universidades públicas têm a visão sistêmica das suas funções enquanto educativas, universitárias e de caráter público. Enquanto públicas essas emissoras têm amplitude do seu papel para as discussões coletivas locais, para a lógica da democratização da informação e observando os princípios de participação social, mais que puramente por suas vinculações institucionais ou formas gestonárias. O lugar dessas rádios enquanto universitárias privilegia a divulgação de cultura e conhecimento científico que é produzido dentro das próprias universidades, além de potencializar as possibilidades de que suas programações sejam heterogêneas, diversas e abrangentes, com a noção de coletividade que é muito próxima ao espaço universitário.

Referências

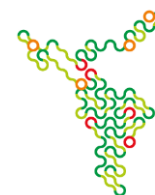
ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro:

Forense Universitária, 2007.

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. Rádio universitária e divulgação científica: que espaço para a divulgação da saúde pública?. In: **COMSAUDE** 2004. São Paulo. VI Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde. Brasília: Anvisa, 2004. v. 11. p. 155-163.

BUCCI, Eugênio. É possível fazer televisão pública no Brasil? In: **Novos Estudos**. CEBRAP, 2010, n. 88, p. 05-18. Disponível em:
<http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/2777/art_BUCCI_E_possivel_fazer_televisao_publica_no_Brasil_2010.pdf>. Acesso em: 16 maio 2018.

DEUS, Sandra de Fatima Batista de. Rádios Universitárias públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. In: **Em Questão**. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 327-338, jul./dez. 2003.



Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/viewFile/77/37>>. Acesso em: 16 maio 2018.

DEUS, Sandra de Fatima Batista de. O papel das rádios universitárias públicas na extensão universitária. In: VIII Congresso ibero-americano de extensão universitária, 2005, Rio de Janeiro. **Navegar é preciso... transformar é possível**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. p. 91-96.

DUARTE, Jorge. **Comunicação Pública**. São Paulo: Atlas, 2007.

DUARTE, Jorge; VERAS, Luciara (Org). **Glossário de Comunicação Pública**. Brasília: Casa das Musas, 2006.

GUERREIRO, Soane Costa. **TV Brasil e a Rede Pública de Televisão**: Uma trajetória de dependência. 2016. 180 fl. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/21525/1/2016_SoaneCostaGuerreiro.pdf>. Acesso em: 16 maio 2017.

HERRERA HUÉRFANO, Eliana del Rosário. Apuntes para pensar la producción radial desde la academia. **Signo y Pensamiento**, Bogotá, n. 38, p. 64-71, 2001.

KOSSA, Pablo. **Caminhos para a comunicação pública**: a rádio universitária como estudo de caso. 2010. 125 fl. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

MARTÍN-BARBERO, J. Chaves do debate: televisão pública, televisão cultural – entre a renovação e a invenção. IN: RINCÓN, Omar. (Org.). **Televisão pública**: do consumidor ao cidadão. São Paulo: Projeto Latino-americano de Meios de Comunicação, 2002, p. 41-79.

SANTOS, Elias. Rádio UFMG Educativa: origem, desafios e perspectivas. In: **Rádio em Revista**. Departamento de Comunicação Social/ FAFICH – UFMG. Belo Horizonte, 2014, v.10, p. 8-16.

SANTOS, Gláucio. **Entrevista**: Gláucio Santos. Entrevista concedida a Rafael Medeiros em 24 de outubro de 2017. Ouro Preto, 2017.

TOMAZ JR. Rogério. Conferência Nacional das Comunicações: pelo reforço da comunicação pública. **Informativo Sete Pontos**, ano 2, número 15, julho de 2004.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação das rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.



O PAPEL EDUCATIVO DO RÁDIO UNIVERSITÁRIO: O CASO DA RÁDIO PONTO UFSC

Valci Regina Mousquer Zuculoto¹
Guilherme Gonçalves Longo²
Beatriz Hammes Clasen³

Resumo: Inseridas no campo público de rádio, estações universitárias - de antena ou *webemissoras* exclusivas na internet - historicamente proclamam missão de educar, disseminar cultura e informação de interesse público (ZUCULOTO, 2012). Mesmo rádios laboratoriais de cursos da comunicação, em especial de Jornalismo, buscam programação para além de práticas de ensino. A partir deste contexto específico e do cenário contemporâneo da radiodifusão pública (BUCCI, CHIARETTI, FIORINI, 2012; CARVALHO, CAVALHO, 2014; LOPES, 2016), este artigo propõe reflexões sobre a missão educativa das rádios universitárias, com foco na Rádio Ponto UFSC, estação virtual do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Há 18 anos no ar, foi uma das primeiras *webemissoras* universitárias do país. Funciona como projeto de extensão, articulada ao ensino e pesquisa (ZUCULOTO, 2014). Mas além de cumprir sua função na universidade, a Ponto transborda deste papel. Por sua programação cotidiana ao vivo e pelo seu acervo disponível online, é formadora e educativa ao propor atender ao direito da sociedade de receber informação qualificada, ética, plural, dar visibilidade a pautas de interesse de seus públicos e produzir jornalismo e comunicação diferenciados e experimentais. Objetiva o interesse público a que devem estar sujeitos o Jornalismo e a Comunicação, desenvolver o potencial destes de disseminar conhecimento e de estimular o exercício da cidadania.

THE EDUCATIONAL FUNCTION OF THE UNIVERSITY RADIO- THE CASE OF RADIO PONTO UFSC

Astract: Inserted in the public field of radio, university stations - of antenna or webstations exclusive on the Internet - historically proclaim mission of educating, to disseminate culture and information of public interest (ZUCULOTO, 2012). Even laboratory radio stations of communication courses, especially journalism, seek programming in addition to teaching practices. From this specific context and the contemporary scenario of public broadcasting (BUCCI, CHIARETTI, FIORINI, 2012; CARVALHO, CAVALHO, 2014; LOPES, 2016), this article proposes reflections on the educational mission of university radio, focusing on Radio Ponto UFSC, virtual station of the Journalism Course

¹Profa. Dra. do Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (Curso de Graduação e Programa de Pós-Graduação em Jornalismo). Florianópolis/SC, Brasil. Pós-Doutora pela Eco/Pós UFRJ; Doutora em Comunicação pela PUCRS. Conselheira da ABEJ. Diretora da FENAJ. Coordenadora da Rádio Ponto UFSC e do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFa). E-mail: valzuculoto@hotmail.com.

²Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (POSJOR/UFSC). Florianópolis/SC, Brasil. Bolsista CAPES. Formado em Jornalismo pela UFSC. Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFa) E-mail: guilherme.longo93@gmail.com

³Graduanda da sétima fase do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis/SC, Brasil. Bolsista PIBIC/CNPq. Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFa). E-mail: clasen.beatriz@gmail.com



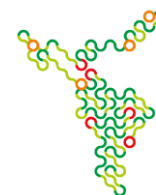
of the Federal University of Santa Catarina. For 18 years on the air, it was one of the first university webstations in the country. It functions as an extension project, linked to teaching and research (ZUCULOTO, 2014). But beyond fulfilling his function in the university, the Rádio Ponto overflows from this role. Due to its daily live programming and its available online collection, it is formative and educational, proposing to provide to the society the right to receive qualified, ethical, plural information, give visibility to the interest of its audiences, and produce differentiated journalism and communication experiments. It aims at the public interest to which Journalism and Communication must be subject, to develop their potential to disseminate knowledge and to stimulate the exercise of citizenship.

Keywords: EducationalRadio, UniversityRadio, RadioPontoUFSC.

As rádios universitárias, de antena ou na web, são consideradas como integrantes do campo público, mesmo quando possuem vinculação estatal. Segmento este que desde o início do rádio no Brasil, no começo do século 20, até os anos 90, em especial antes do advento do *webrádio* e por incluir emissoras hertzianas, em AM ou FM, com concessão para operar canais denominados educativos, era designado como de radiodifusão educativa. Neste período em que as universitárias funcionam e se desenvolvem inseridas no campo não-comercial conhecido como educativo, o ápice do segmento se deu durante a operação no SINRED - Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa, realizado para coproduções e transmissões de programas em cadeias nacionais.

Na época e, sobretudo em tempos mais contemporâneos, as emissoras do campo público, onde se inserem as universitárias, nosso objeto de estudo, historicamente proclamam missão de educar, disseminar cultura e informação de interesse público (ZUCULOTO, 2012), buscando possibilitar às suas audiências acesso a um conteúdo educacional, tanto de ensino formal quanto não-formal, cultural e informativo. Especialmente em relação ao potencial educativo do meio, Roquette-Pinto, um dos fundadores da radiofonia brasileira, considerava que o rádio se fundou como um forte ator cultural e educativo desde o início da radiodifusão no Brasil, nas décadas de 10 e 20 do século passado. Roquette-Pinto acreditava principalmente na possibilidade de “democratizar o ensino por intermédio das ondas do rádio” (OLIVEIRA; COSTA, 2012, p. 3). Pela capacidade de alcance e pela forma de disseminação da informação que o meio apresenta, Blois (2003, p. 45) afirma que a rádio educativa representa “a educação aberta e continuada se realizando em linguagem coloquial e com forte apelo afetivo”.

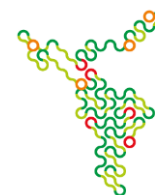
Com base referencial e conceitual nesta breve contextualização acerca da constituição histórica de emissoras universitárias integrantes do campo público da radiodifusão, este artigo se



propõe a refletir sobre a função educativa do rádio universitário, realizando um estudo de caso da *webemissora* Rádio Ponto UFSC. Trata-se da *webrádio* do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina que está no ar há 18 anos, funcionando como emissora laboratorial desenvolvida por projeto de extensão articulado com ensino e pesquisa. Veicula programação informativa, educativa, esportiva e cultural, produzida por estudantes bolsistas e voluntários, práticas laboratoriais de disciplinas e pesquisa aplicada, reunindo na sua produção, por semestre, aproximadamente 70 alunos de graduação, entre bolsistas e sobretudo voluntários. Transmite no site www.radioponto.ufsc.br e nas redes sociais www.facebook.com/radiopontoufsc/; www.mixcloud.com/discover/radio-ponto-ufsc; www.soundcloud.com/r-dio-ponto-ufsc.

A Rádio Ponto irradia programas ao vivo diários e coberturas especiais como da Sepex (Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC) e outros grandes eventos, além do seu já vasto acervo. Busca produzir radiojornalismo inovador e diferenciado para disseminar conhecimento, informação, educação, cultura e estimular exercício da cidadania, com a programação voltada ao interesse público a que devem estar sujeitos Jornalismo e Comunicação. Assim, atende ao direito da sociedade de receber informação qualificada, ética, plural. Articulada com disciplinas da graduação, pós-graduação e grupos de pesquisa, sobretudo o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio, registrado no CNPq, ainda se destina a complementar formação de estudantes do Jornalismo. Também desenvolve o Núcleo de Radiojornalismo Esportivo, o Fazendo Rádio na Escola (este em instituições de ensino fundamental e médio) e oficinas. É referência como uma das pioneiras da radiofonia universitária na web. Integra a nova Rede Universitária de Rádios, que reúne dezenas de emissoras AM/FM, *webrádios*, núcleos de produção radiofônica e pesquisadores do país.

A iniciativa de colocar a *webemissora* no ar se deu a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) das alunas Fabiana de Liz e Sabrina D'Aquino. A história da Rádio Ponto começa no dia cinco de novembro de 1999: do I Salão de Cultura e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina foi realizada a primeira transmissão de um boletim ao vivo, seguido de quatro horas de programação musical. Mais tarde, durante a cobertura da eleição para a Reitoria da Universidade, o dia 17 de novembro do mesmo ano de 1999 ficou marcado como a estreia oficial. Foi considerada um sucesso e, neste dia, o site da *webrádio* teve 400 acessos (ZUCULOTO et al, 2013, p.8). Desde aquela época, a Rádio Ponto esteve diretamente ligada ao ensino de radiojornalismo no Curso de Jornalismo da UFSC. Ao longo de seus quase 20 anos de existência, centenas de programas e coberturas foram



veiculados pela *webemissora*, anualmente. De produções das disciplinas do Curso aos programas voluntários dos diversos núcleos existentes no Laboratório de Radiojornalismo, os alunos sempre tiveram a oportunidade de experimentar o fazer radiofônico em seus diversos formatos.

As rádios universitárias, por apresentarem um perfil não-comercial, informativo e educativo, conforme já dito, foram categorizadas como parte do sistema educativo de rádio, mas, recentemente, a partir da década de 1990, pode-se considerá-las como estações públicas, principalmente quando suas programações são observadas (ZUCULOTO, 2012). Apesar do caráter educativo presente desde o início da história do rádio no Brasil, as emissoras universitárias representam ou podem representar papel determinante na constituição do campo público da radiodifusão na produção de um conteúdo que apresente diversidade e inclusão das audiências. Esta função social a ser promovida pelas rádios universitárias é assim apontada por Sandra de Deus:

Para Herrera Huérfano (2001), a função social de uma rádio universitária é oferecer uma produção que cubra a maior parte dos setores da população. Isso não significa somente que deve atingir o maior número de ouvintes, mas oferecer uma programação que corresponde aos interesses de diferentes setores da população (DEUS, 2004. p.310)

E enquanto categorizadas como rádios públicas, as emissoras universitárias precisam também atender às características de universalidade, diversidade, diferenciação e independência, considerando as necessidades da sua audiência, conforme se vem compreendendo a constituição da radiodifusão pública no Brasil (ZUCULOTO, 2012). No presente artigo, que se trata de uma pesquisa histórica, descritiva, empírica e analítica, vamos refletir sobre o papel educativo da Rádio Ponto UFSC como um estudo de caso, por meio de análise de dados a partir do papel de “participante-observador”, de acordo com Roberto Yin em *Case Study Research: Design and Methods* (YIN, 1994, p.10).

Há 18 anos a Rádio Ponto UFSC atua como disseminadora de conhecimento e apresenta um caráter pedagógico. A programação irradiada pela emissora é a principal característica que define uma rádio educativa, como defende Blois (2003. p. 45) em “Rádio educativo no Brasil. Uma história em construção”:

A programação de uma emissora educativa é a grande marca que a difere de uma rádio comercial. As formas utilizadas para concretizar seus propósitos e chegar aos ouvintes vão desde as mais didáticas - os cursos ou séries instrucionais - até realizações menos formais, mas não menos educativas, como o radiojornalismo, séries e spots culturais ou de utilidade pública, seleções musicais, a prestação de serviços à comunidade, propostas descompromissadas de interesses comerciais e modismos fabricados. (BLOIS, 2003. p.45)



Com objetivos educativos e culturais e, principalmente, de prática do radiojornalismo que proporcione ao ouvinte informação com pluralidade, qualidade e ética, a Rádio Ponto busca se pautar em conceitos e critérios balizadores para a radiodifusão pública, entre os quais destacam-se os da publicação da Unesco intitulada “Indicadores de qualidade nas emissoras públicas – uma avaliação contemporânea” (BUCCI; CHIARETTI; FIORINI, 2012). Na obra, o segmento é apresentado como contando “com distintos modelos em funcionamento em várias nações. Entretanto, algumas características são ou deveriam ser comuns:”

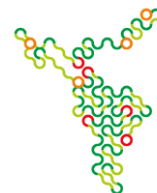
1) independência editorial e financeira; 2) autonomia dos órgãos de governança; 3) pluralidade, diversidade e imparcialidade da programação; 4) claro mandato de serviço público, estabelecido em documentos legais pertinentes; 5) prestação de contas (*accountability*) junto ao público e junto aos órgãos reguladores independentes (BUCCI; CHIARETTI; FIORINI, 2012, p. 7).

Embora não seja uma emissora de antena, com concessão, a Ponto desenvolve-se alinhada com estes entendimentos.

Os vínculos que as emissoras públicas são capazes de guardar ou de negligenciar com as comunidades que as abrigam e sustentam, e que devem ser as beneficiárias de seus conteúdos culturais e informativos, são vínculos imersos na cultura e, também, no mercado da radiodifusão. Além disso, elas têm dimensões políticas, o que exige daqueles que as estudam ou daqueles que pretendem geri-las com honestidade de propósitos uma perspectiva em que os indicadores de qualidade sejam mediados por especificidades locais, históricas, momentâneas ou permanentes, conjunturais ou estruturais. Portanto, para cada emissora, à luz de suas circunstâncias, sua missão própria e seu entorno social, cultural, econômico e político, os indicadores podem assumir pesos diferenciados (BUCCI; CHIARETTI; FIORINI, 2012, p. 9).

O papel educativo da Rádio Ponto UFSC

Por ser uma rádio laboratorial, em que a produção de conteúdo está, principalmente, vinculada a turmas e disciplinas, a *webemissora* possui grande circulação e diversidade de programas. A cada semestre as turmas matriculadas em disciplinas de radiojornalismo são responsáveis pela criação de novos programas que irão compor a sua grade semestral. E da mesma forma, trabalham os núcleos de produção voluntária, que além de também atualizarem e manterem no ar programas já consagrados, semestralmente buscam ofertar novas produções. Toda esta programação é desenvolvida dentro de uma linha editorial que estabelece a necessidade de teor informativo, cultural e educativo. Os principais núcleos agregados pela *webemissora* são os de radiojornalismo esportivo, o artístico e cultural e ainda o informativo, este destinado aos noticiários.

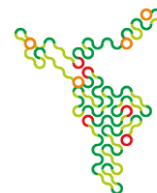


A crítica de mídia, uma potencialidade decorrente das características da radiodifusão pública, também está presente na grade da Rádio Ponto. Desde 2011 é produzido o programa Jornalismo em Debate, que a cada edição discute a cobertura que a imprensa nacional faz de temas e acontecimentos que estão na pauta cotidiana da mídia, como a homofobia, as manifestações de 2013, intolerância religiosa, entre outros que pautam o noticiário cotidiano. Mais recentemente, o programa avaliou a cobertura da Operação Ouvidos Moucos e da morte do reitor Luiz Carlos Cancellier. Na mesa e também por telefone (via híbrida), jornalistas, pesquisadores e pessoas envolvidas diretamente com os temas selecionados debatem sobre a atuação da imprensa, evidenciando-se um aprendizado essencial não somente para os alunos, mas também para o público.

Além das produções das disciplinas do Curso, a *webemissora* também conta com programas produzidos voluntariamente pelos alunos, de temas e formatos variados. Hoje, o jornalismo esportivo representa uma importante fatia da programação semanal da Rádio Ponto, assim como ocorre em outras emissoras públicas do país como a Rádio Nacional, vinculada à EBC - Empresa Brasil de Comunicação. Na Copa do Mundo de 2006, realizada na Alemanha, alunos do curso de Jornalismo decidiram fazer uma cobertura-teste na Rádio Ponto UFSC, com a transmissão de algumas partidas. Essa iniciativa foi o embrião do que viria a ser o Núcleo de Radiojornalismo Esportivo.

Nos anos seguintes, os estudantes começaram a desenvolver programas esportivos que passaram a ser veiculados na programação da Rádio Ponto UFSC. Em 2010, o Núcleo foi formalizado como projeto de extensão e assim passou a contar com um bolsista que tem como função coordenar suas diversas produções. Em seus oito anos como projeto de extensão, os alunos ligados ao Núcleo criaram diversos programas que abordam uma variada gama de modalidades esportivas. O Bola na Trave, desenvolvido especificamente para os calouros, por exemplo, consiste em um radiojornal semanal, neste semestre veiculado às segundas, com os resultados das partidas de futebol do final de semana. Entre as demais produções, tem-se o Grid de Largada, sobre automobilismo, Linha dos Três, basquete, Terceira pra Três, futebol americano, UFSC Esporte Clube, que trata do esporte catarinense, entre outros.

Nos últimos anos, outros núcleos de produção se desenvolveram na Rádio Ponto, através da junção das equipes de programas como Esquina Paranóia, sobre música brasileira, Cine Ponto, que trata de cinema, e o Insira a Ficha, de *games*, que deram origem ao Núcleo Cultural. No início deste ano, também foi reativado outro dos núcleos de produção mais atuantes, o Lança Perfume, desativado



desde o início de 2016 após quatro anos de intensa produção. Em seu auge, a equipe do Lança chegou a produzir três programas semanais: o Lança Perfume, que a cada semana abordava um tema escolhido pelos membros, como mochilão, agrotóxicos ou eleições municipais; Lança Entrevista, mais voltado para a área cultural e o Lança Notícias.

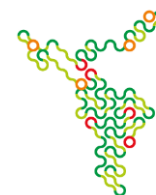
Os estudantes, assim como no caso dos programas das disciplinas, possuem liberdade na produção do conteúdo, sempre com a supervisão do professor responsável. Desde a concepção de projetos de novos programas até a gravação final, passando pela criação da identidade sonora, pauta e organização interna.

Além dos programas produzidos semanalmente na Rádio Ponto, os alunos, bolsistas e técnicos da *webemissora*, sob a coordenação dos professores, realizam diversas coberturas especiais dos principais eventos da Universidade, de Florianópolis e do país. Anualmente, a equipe da Ponto faz uma programação especial da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC, a SEPEX, com um estande montado no evento, realizando entrevistas com representantes de todos os projetos em exposição.

Eleições municipais, gerais/nacionais no país, para a reitoria da Universidade, Copa do Mundo, Eurocopa, Olimpíadas e Paralimpíadas também estão entre os eventos que têm cobertura sistemática da Rádio Ponto. Em geral, são planejadas com meses de antecedência, em reuniões com a presença de toda a equipe, fazendo divisão de tarefas, criação de manuais de cobertura, planejamento das transmissões, simulando um ambiente de redação tradicional. No caso das coberturas esportivas, os alunos do Núcleo Esportivo realizam também oficinas com os estudantes sobre o funcionamento das Grandes Jornadas, denominação das transmissões de jogos de futebol.

Os estudantes do Núcleo de Radiojornalismo Esportivo estão, neste momento, nos preparativos finais da cobertura da Copa do Mundo 2018. Ao longo dos 30 dias de evento, serão feitas diversas Grandes Jornadas Esportivas, nome dado à transmissão das partidas na Rádio Ponto UFSC, além de uma programação especial criada especialmente, como a veiculação de um noticiário diário sobre o que acontece na e sobre a Copa, mesas redondas que vão debater os principais jogos.

. O trabalho dos professores de rádio desenvolvido no *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)* está, da mesma forma, articulado com a Rádio Ponto. Trata-se de mais uma ação que desenvolve a função educativa da *webemissora* dentro de sua proposta para além da

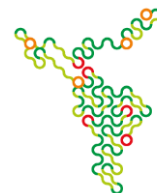


educação formal em jornalismo. Ao integrar ensino, pesquisa e extensão, envolve graduandos e pós-graduandos e igualmente impulsiona a iniciação científica.

A partir de 2017, a *webestação* ampliou ainda mais seu percurso de integração e interdisciplinariedade buscando inclusive internacionalização. Passou a integrar a Rede Universitária de Rádios brasileira, lançada durante o I Fórum de Rádios e TVs Universitárias realizado durante o 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, uma promoção anual da Intercom, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Em menos de um ano, a Rede já conta, no país, com mais de 30 emissoras AM/FM, *webrádios* e núcleos de produção laboratorial radiofônica e mais de 20 pesquisadores de mídia sonora vinculados a instituições de ensino superior brasileiras. Já possui interação com redes internacionais de emissoras universitárias e de pesquisas sobre rádio e à medida que se consolidar, pretende aprofundá-las e torná-las orgânicas. Entre os diversos objetivos da nova Rede, destacam-se os de promover o intercâmbio de conteúdos radiofônicos e experiências, viabilizar ações de cooperação visando à formação, capacitação e atualização de recursos humanos, consultoria técnica e curadoria no desenvolvimento de conteúdos culturais e educativos e trabalhar para a constituição de uma associação que atue junto às autoridades, de modo articulado com a ABTU – a Associação Brasileira de Televisões Universitárias, na formulação de políticas públicas voltadas para o campo da comunicação universitária.

Portanto, essa configuração e esses conceitos, compreensões e linhas editoriais que pautam a Rádio Ponto UFSC conferem, no nosso entendimento, um papel educativo à estação virtual. Ou seja, a construção desse papel se dá tanto pela disseminação de conhecimento por meio de sua programação quanto pela sua também finalidade de complementar a formação dos estudantes do Curso de Jornalismo. Mas principalmente se dá pelo resultado da sua articulação entre o ensino, a prática do radiojornalismo dentro de um ambiente laboratorial e experimental, a atividade extensionista e a pesquisa aplicada. O aspecto extensionista praticado pela Rádio Ponto assume a função de ser uma espécie de elo, o principal para promover a sua base integradora. E para tal, a inspiração vem justamente do papel educativo da extensão, assim abordado por Paulo Freire em “Extensão e Comunicação?”:

Por isto mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas.(FREIRE, 1985. p 16)



Considerações Finais

A Rádio Ponto UFSC reúne potencialidades que contribuem com a missão da universidade de desenvolver ensino, pesquisa e extensão, com a constituição do rádio público no Brasil, sobretudo do *webrádio* universitário. Pelas características e resultados ao longo de seus 18 anos e consolidação como referência de *webemissora* universitária, a programação e suas demais atividades exercem papel destacado na experimentação e inovação em produção jornalística de rádio e demais mídias sonoras. Também ao fazer integração da extensão com ensino e pesquisa, além de se articular com outros projetos e ações da Graduação e Pós-Graduação. Trata-se, portanto, de uma emissora de vem desenvolvendo e ampliando seu papel educativo, cultural e informativo. Mesmo consolidado, este papel continua e necessita ser cotidianamente (re)construído e refletido, diante das constantes transformações da comunicação, jornalismo e do radiofônico, além dos novos desafios que se apresentam para sua expansão nacional e internacionalização, como por exemplo ao integrar a nova Rede Universitária de Rádios a partir de 2017. Por isso, consideramos que a Rádio Ponto UFSC deve continuar contribuindo com a formação e o próprio Jornalismo, disseminação do conhecimento e informações da UFSC e da educação do país, inovação, diferenciação e alternativa de programação à audiência radiofônica, além de com outras ações sociais e o rádio universitário e público.

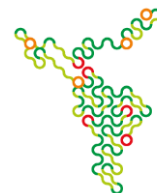
Referências

BLOIS, Marlene M. Rádio educativo no Brasil. Uma história em construção. In.: CUNHA, Magda Rodrigues; HAUSSEN, Dóris Fagundes (Org.) **Rádio brasileiro: episódios e personagens**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. 291p > il. (Coleção Comunicação, 29). p. 35-48.

BUCCI, Eugênio; CHIARETTI, Marco; FIORINI, Ana Maria. **Indicadores de qualidade nas emissoras públicas – uma avaliação contemporânea**. Brasil: Unesco, Série Debates CI, n. 10, jun. 2012. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002166/216616por.pdf> Acessos em 2014, 2015, 2016, 2017.

CARVALHO, Juliano Maurício de; CARVALHO, Juliana Marques de. Critérios de Qualidade da emissora pública. Uma perspectiva crítica. In.: DANTAS, Marcos; KICHINHEVSKI, Marcelo. **Políticas Públicas e pluralidade na comunicação e na cultura**. Rio de Janeiro: E-papers, 2014. p. 161-174.

DEUS, Sandra de. **Rádios Universitárias Públicas: compromisso com a sociedade e com a informação**. In: Congreso Internacional de Educación Superior "Universidad 2004", 4º, 2004. **Anais...** Cuba: 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/129315>> Acesso em: mai, 2018.



FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 93 p.

LOPES, Ruy Sardinha. **SOCICOM DEBATE - A comunicação pública em questão: crise na EBC.** São Paulo, SOCICOM, 2016. p. 40-44. Disponível em:
<http://www.socicom.org.br/files/SOCICOM_EBC_baixar.pdf> Acessos em 2016, 2017.

OLIVEIRA, Silvana Aparecida Guietti de. COSTA, Maria Luisa Furlan. **Roquette-Pinto: o caráter educativo do rádio.** In: Seminário de Pesquisa do PPE. Maringá, 2012. Disponível em:
<<https://goo.gl/7JbrnC>> Acesso em: mai, 2018.

SILVA, Arlete Vieira. **A articulação entre teoria e prática na construção do conhecimento pedagógico do conteúdo.** In: Revista Espaço Acadêmico, nº 112, set 2012.

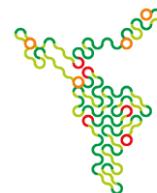
YIN, Robert K. **Case study research: Design and methods.** 2ª ed. Thousand Oaks, California: Sage Publications. 1994. 53 p.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação de rádios públicas brasileiras.** Florianópolis: Insular, 2012.

_____ A Época de Ouro do Rádio Educativo: a consolidação da instrução pelas ondas radiofônicas estatais/públicas. In: Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, 10, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33, 2010. **Anais...** Caxias do Sul, RS: UCS; Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3276-1.pdf>> Acesso em: mai, 2018.

_____ **A história do radiojornalismo na UFSC: proposta de Linha do Tempo para conduzir a pesquisa.** In.: Anais do Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto: Alcar; UFOP, 2013.

_____ Rádio Ponto UFSC – uma webemissora laboratório integra ensino, prática, extensão e pesquisa. In.: SOSTER, Demétrio de Azeredo; TONUS, Mirna. **Jornalismo-Laboratório: rádio.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014



O ENSINO DO RÁDIO NOS CURSOS DE JORNALISMO COMO ESPAÇO PARA O DEBATE SOBRE A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO E DO CONHECIMENTO

Juliana Gobbi Betti¹
Karina Woehl de Farias²

Resumo: O presente artigo propõe discutir o ensino de rádio nos cursos de Jornalismo em um contexto de transformações tecnológicas que afetam o processo de produção e transmissão da notícia. Igualmente, considera a recente reformulação dos projetos político-pedagógicos destes cursos à luz das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a área. Fundamenta-se em uma perspectiva teórica amparada em Kaplún (2017) e Meditsch (2001; 2012, 2016) para pensar a formação a partir das possibilidades pedagógicas da linguagem tanto na prática docente quanto na jornalística, que será exercida pelos futuros profissionais. Os procedimentos metodológicos utilizados basearam-se na análise bibliográfica e documental, em diálogo com a experiência das autoras no ensino do rádio.

Palavras-chave: Ensino; Rádio; Jornalismo

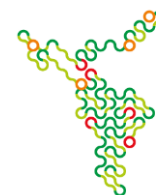
THE RADIO EDUCATION IN JOURNALISM COURSES AS A SPACE FOR THE DEBATE ON THE DEMOCRATIZATION OF COMMUNICATION AND KNOWLEDGE

Abstract: This article proposes to discuss the teaching of radio in the courses of Journalism in a context of technological transformations that affect the process of production and transmission of the news. Likewise, it considers the recent reformulation of the political-pedagogical projects of these courses in the light of the new National Curricular Guidelines (DCNs) for the area. It is based on a theoretical perspective of Kaplún (2017) and Meditsch (2001, 2012, 2016) to think about the pedagogical possibilities of language in teaching and in the journalistic practice, which will be practiced by future professionals. The methodological procedures used were based on bibliographical and documentary analysis, in dialogue with the experience of the authors in the radio teaching.

Keywords: Teaching; Radio; Journalism

¹Doutoranda e Mestra em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Filosofia e Direitos Humanos pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Jornalista pela Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista Capes.

²Doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, Jornalista e professora do curso de Jornalismo da Faculdade Satc, Criciúma-SC, Brasil.



Introdução

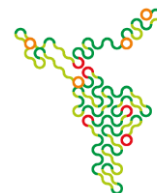
Em um de seus poucos registros audiovisuais disponíveis, Mario Kaplún¹ recorda um breve conto sobre um comandante de uma aeronave em vôo que anuncia aos passageiros duas notícias, uma boa e uma má. A boa notícia é que eles haviam batido todos os recordes de velocidade aérea, a má é que eles não sabiam mais para onde estavam indo. Utilizando-se da história para colocar em debate as vantagens e inconvenientes das novas tecnologias, Kaplún evidencia a problemática da desinformação causada pelo excesso de informação e nos auxilia a (re)pensar o próprio papel do jornalismo, seus efeitos e potencialidades pedagógicas nas sociedades contemporâneas. E, por conseguinte, a formação na área.

No Brasil, a formação universitária é regida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos cursos de graduação. As DCNs para o curso de Jornalismo foram criadas a partir do trabalho de uma Comissão de Especialistas da área, constituída a pedido do Ministério da Educação. Durante o processo, a comissão promoveu uma consulta e três audiências públicas que objetivaram debater com a sociedade civil, o meio acadêmico e o segmento profissional. O grupo apresentou, em 2009, a proposta de desvincular-se da Comunicação Social e suas habilitações a fim de organizar um novo currículo, valorizando o equilíbrio e a interdisciplinaridade durante a formação do profissional em Jornalismo. As novas Diretrizes foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em 2013, e deveriam ser aplicadas até 2015.

A redefinição buscou reverter um movimento iniciado na década de 1960, por imposição da ditadura militar, quando os cursos de Jornalismo foram transformados em Comunicação Social (MEDITSCH, 2014), deixando de lado especificidades importantes da profissão e os tornando generalistas. Desta forma, a nova proposta sugeriu uma série de alterações nas matrizes, novos eixos de formação, inclusão de disciplinas voltadas à regionalidade, à realidade social e a readequação de conteúdos com intuito de formar um profissional capaz de lidar com desafios da conjuntura brasileira.

Apostando em disciplinas que contemplem este novo jornalista, as DCNs são guiadas por meio de competências cognitivas, pragmáticas e comportamentais. Sendo assim, o projeto pedagógico dos cursos deveria atender seis eixos de formação: Fundamentação Humanística,

¹ O vídeo pode ser acessado no Youtube pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=zucrwIkexsM>



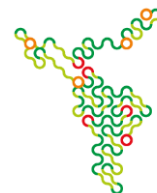
Fundamentação Específica, Fundamentação Contextual, Formação Profissional, Aplicação Processual e Prática Laboratorial. A reformulação justifica-se com o objetivo de desenvolver não somente habilidades técnicas, mas o domínio de critérios lógicos e de teorias que fundamentam o exercício da profissão. Para isso, destaca a necessidade de “cuidar da preparação de profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante no qual, além de dominar as técnicas e as ferramentas contemporâneas, é preciso conhecê-las em seus princípios para transformá-las na medida das exigências do presente” (MEDISTCH, 2012, p.239).

Aliado à preocupação com o domínio do fazer, está o cuidado com a promoção de uma formação crítica e reflexiva, que pode ser percebido em indicações como essa: “identificar e reconhecer a relevância e o interesse público entre os temas da atualidade” (MEDITSCH, 2012, p.241), incluída entre as competências gerais que devem ser desenvolvidas.

Partindo da compreensão de que o rádio ainda ocupa um local privilegiado no processo de democratização da comunicação e do conhecimento, constituindo-se como um espaço de fomento ao exercício da cidadania, o presente artigo propõe discutir o ensino de rádio nos cursos de Jornalismo. O trabalho observa as relações entre o aprendizado das novas ferramentas e o cumprimento da função social do meio, levando em conta questões de ética, direitos humanos, realidade regional, entre outros fatores que amparam uma formação crítica e transformadora. Fundamentando-se em uma perspectiva teórica amparada em Kaplún (2017) e Meditsch (2001; 2012; 2016) entende a formação a partir das possibilidades pedagógicas da linguagem tanto na prática docente quanto na jornalística, que será exercida pelos futuros profissionais. Em diálogo com os conhecimentos teóricos, se utiliza a experiência das autoras no ensino do rádio. Igualmente, aprofunda observações realizadas durante a análise dos projetos político-pedagógicos de diferentes cursos nas cinco regiões brasileiras em uma pesquisa conjunta mais ampla, da qual se destacam aqui algumas inferências iniciais.

O rádio nas grades de Jornalismo

Há muito se discute o futuro do rádio enquanto meio e o quanto sempre esteve à margem nos currículos dos cursos de Jornalismo. Em tempos de revolução digital, este debate fica ainda mais evidente ao lidar com constantes transformações das mídias, refletindo diretamente no ensino de radiojornalismo. A experimentação e a prática laboratorial em rádio já integravam as práticas pedagógicas antes mesmo do advento da internet e não foram por ela superadas, mas sim



potencializadas. Ainda que nem sempre a infraestrutura das IES (Instituições de Ensino Superior) tenha sido adequada para o exercício laboratorial.

Foi a partir dos anos de 1970, que o Conselho Federal de Educação passou a exigir laboratórios especializados, dando mais rigor à formação dos profissionais da área.

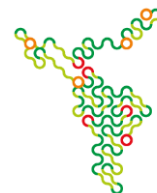
Os laboratórios de rádio das instituições têm se constituído, tradicionalmente, como espaços privilegiados de experimentação onde, por meio de uma articulação teórico-prática, os alunos assumem as diversas funções jornalísticas e artísticas de uma emissora, tendo a oportunidade de vivenciar o dia a dia de uma estação (DEL BIANCO e PRATA, 2016, p.207).

Estes espaços são lugares para experimentar, refletir e buscar a unidade que se pretende alcançar entre prática e teoria, em que ambas vão se constituindo, fazendo-se e refazendo-se em um movimento permanente no qual vamos da prática à teoria e desta a uma nova prática, um novo saber (FREIRE, 1976).

Entendendo que o rádio se define por sua linguagem e não por seu suporte físico, fica mais fácil compreender que a teoria e a prática não necessariamente se distanciam a cada novo avanço tecnológico. Um exemplo bastante concreto está na evolução dos dispositivos de gravação. Nos últimos anos, a evolução dos gravadores e celulares possibilitou que o processo de captação e edição se tornasse inteiramente digital. A mudança criou para o jornalista a necessidade do domínio de softwares de edição, mas o conhecimento base, que vai fundamentar a utilização da ferramenta e definir o produto final, não se alterou. Este conhecimento envolve a compreensão do conteúdo editado e seu contexto, estando, do mesmo modo, inerentes às questões de ética e de estética.

Assim, as disciplinas de radiojornalismo servem como importantes espaços de ensino e aprendizagem, não somente para técnicas que serão usadas no rádio, mas como afirma Meditsch (2001, p.226), no uso de linguagens de um meio que é facilmente adaptável a outras mídias, já que “ninguém como o rádio tinha antes o *know-how* de trabalhar com informação jornalística em tempo real”.

As disciplinas destinadas à aprendizagem de técnicas e linguagens radiofônicas colaboraram com a formação do profissional de Jornalismo em sua totalidade. As cadeiras de rádio estariam mais diretamente enquadradas em dois principais eixos de formação: o de Aplicação Processual, onde o futuro jornalista apreende e aplica ferramentas técnicas e metodológicas para a realização de coberturas nas mais variadas mídias; e no eixo de Prática Laboratorial, em que o profissional a ser



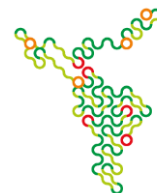
formado experimenta e integra o que foi visto nos demais eixos. No entanto, importante salientar, que o rádio pode, e deve, se relacionar com os demais eixos, já que como uma das disciplinas específicas do jornalismo, se encaixaria no de Formação Profissional, por dar suporte para aplicar o conhecimento em apuração e escrita, como também no de Fundamentação Contextual, como área a fim de desvendar novos modelos de produção na profissão.

De acordo com a pesquisa liderada pelas professoras Nélia Del Bianco e Nair Prata (2016), publicada no livro dos *25 anos do Grupo de Rádio da Intercom*, a maioria dos cursos brasileiros oferece entre duas a três disciplinas de rádio. Número inferior às oferecidas em cursos de Radialismo, por exemplo, que podem chegar até nove. As novas DCNs de 2013 deveriam representar um salto importante no ensino de rádio no Brasil, já que os projetos pedagógicos, de acordo com as diretrizes, sugerem aumento significativo de disciplinas com foco na prática jornalística e aprofundamento em habilidades neste sentido. Porém, nem sempre isso ocorre, como se pode observar nas grades curriculares ou nos projetos político-pedagógicos dos cursos, há os que disponibilizam apenas uma disciplina para o meio.

É cedo para apontar resultados na implantação das diretrizes curriculares nos cursos de Jornalismo do Brasil. No entanto, com novos currículos em vigor, já é possível verificar questões importantes para o entendimento do ensino de rádio no país, como certo apego pela reprodução das fórmulas comerciais já existentes. Em outras instituições já se nota a preocupação em destacar o meio como ferramenta importante na formação dos futuros jornalistas.

O rádio como espaço de produção de conhecimento

A relevância do rádio está historicamente ligada ao desenvolvimento social, político e econômico, bem como à identidade cultural de cada região. Potencialmente democrático, suas ondas são capazes de alcançar a população das áreas rurais e rincões, por vezes sendo o único meio de comunicação a amenizar o isolamento ainda existente no território brasileiro. Do mesmo modo, adaptam-se à alta densidade demográfica das grandes cidades e às demandas de uma vida cada vez mais digital convergente e conectada, articulando os tempos individuais e coletivos de forma a gerar uma teia de vínculos que atua diretamente na sincronização dos ritmos nas metrópoles (MENEZES, 2007). Neste contexto, ainda que o entretenimento – especialmente a música – ocupe a maior parte do conteúdo transmitido, a informação continua a assegurar sua permanência e relevância na



produção radiofônica nacional. As emissoras de rádio permanecem entre os três meios mais citados como fonte principal de informação sobre os acontecimentos nacionais (PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA, 2016).

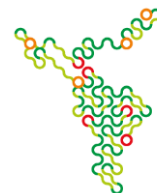
Além do alcance geográfico e da versatilidade tecnológica, o rádio possui a capacidade de penetração nos diferentes perfis populacionais. Característica, essa, que revela parte de seu potencial pedagógico. Assim, se reforça a preocupação de Mario Kaplún: “rádio, para quê?” (KAPLÚN, 2017, p.21).

De acordo com Nilda Jacks (2015, p.238), “os meios são importantes na vida das pessoas porque produzem sentido, porque fazem parte da cultura e não atuam apenas como transmissores ou produtores autônomos de significados e imaginários. Eles fazem parte de diversas instituições de significação, como a política, a família, a educação, entre outras”. Portanto, mais do que uma utilidade cotidiana no sentido funcionalista, enquanto produto intelectual eletrônico de sua era, o rádio informativo produz um conhecimento que reflete, refrata e participa da construção social da realidade (MEDITSCH, 2001, p. 281). Neste sentido, a informação radiofônica é capaz de pautar debates, estimulando a tomada de ações em prol da transformação das realidades sociais (KAPLÚN, 2017).

O papel do ensino na formação crítica

Apresentados, ainda que brevemente, o contexto de reformulação do ensino do Jornalismo e o potencial pedagógico do rádio, ser torna possível defender que as disciplinas de rádio têm um papel importante na compreensão da função social do meio e, por conseguinte, na democratização da comunicação e do conhecimento.

De um modo geral, a construção de um radiojornalismo crítico, baseado no diálogo e na reflexão sobre a realidade, depende de uma formação também crítica destes novos jornalistas. Segundo as novas Diretrizes Curriculares Nacionais, as mudanças nas grades devem habilitar os acadêmicos a se tornar um profissional humanista e reflexivo, capaz de produzir um jornalismo ligado à complexidade da sociedade atual, mas também fundamentado em teorias e práticas especializadas e específicas (MEDITSCH, 2012, p.240). Além disso, deve extrapolar o conhecimento técnico para cumprir o papel de cidadão contribuindo para uma formação crítica e humanizadora também da sociedade.



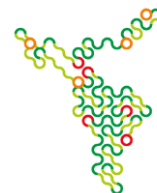
A produção deste conhecimento pode ocorrer de inúmeras formas na sala de aula. Uma delas e pela perspectiva das novas grades, é relacionar multiculturas e sujeitos singulares entre si, capazes de promoverem o que Freire (1987) chamou de comunhão entre os seres, em uma ação dialógica e problematizadora. Por meio deste processo educativo, um ensino de rádio questionador pode contribuir na formação de sujeitos críticos, capazes de agir e pensar de forma humanizada e libertadora. Contudo, para que o ensino do rádio atue no desenvolvimento de uma consciência crítica, não é necessário afastar os alunos da prática ou do ambiente tecnológico, ao contrário. Seja no tradicional rádio hertziano ou na internet é possível estimular que os alunos produzam programas que, não somente questionem, mas busquem formas de transformar a realidade, principalmente por meio de projetos interdisciplinares e nos espaços destinados à extensão.

Considerações finais

“É que, se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a “educação bancária” pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação. Um educador humanista, revolucionário, não há de esperar esta possibilidade” (FREIRE, 2017, p.86). Não seria incorreto afirmar que uma boa formação na área de Jornalismo depende do equilíbrio entre a especificidade da área e a troca de conhecimentos em várias áreas do saber, conquistada mais amplamente por meio da interdisciplinaridade, uma das necessidades apontadas pelas Diretrizes Curriculares do Jornalismo. No entanto, cada vez mais é necessário discutirmos a forma de construção desse conhecimento.

Analisando de forma mais geral o ensino do jornalismo, percebe-se que a dicotomia entre teoria e prática nas disciplinas de rádio ainda são uma realidade. Ao analisarmos de forma exploratória as propostas de algumas universidades percebe-se que pouca coisa alterou diante das novas DCNs. Em contrapartida, outras vislumbram um cenário diferente para o meio radiofônico, apostando em mais disciplinas específicas e oportunizando maior produção de conhecimento na área do radiojornalismo.

Essa oferta maior de matérias voltadas ao rádio ocorre por meio de oferta optativa. As grades com eletivas ampliam a oportunidade de aprendizagem pelos acadêmicos de forma autônoma, onde o aluno pode definir o rumo a tomar na sua formação. A problemática fica por conta da pouca oferta deste tipo de disciplina nas universidades privadas, onde a chance de escolher o próprio rumo se dá



em currículos de outros cursos, sem opções específicas do jornalismo, tendo o futuro jornalista que cursar disciplinas na sociologia, psicologia ou demais áreas da comunicação.

O redirecionamento de disciplinas nas matrizes é mais um ponto a ser destacado. Em muitas instituições, a primeira matéria de rádio é oferecida nas fases iniciais do curso, evidenciando o papel que o radiojornalismo pode exercer na formação do jornalista como um todo, num processo de acúmulo de conhecimento que dará suporte ao longo da formação, quando se faz necessária maior maturidade, partindo-se das reflexões práticas menos complexas para as mais complexas. Este direcionamento dentro da grade acaba sendo também um incentivo aos discentes que iniciam o curso sedentos por aulas mais práticas. Além disso, antecipar o rádio pode dar suporte epistemológico a outras disciplinas de produção jornalística, auxiliando o estudante a identificar e compreender o ponto essencial em cada notícia.

Por fim, vale ressaltar a proposta das diretrizes em implantar conteúdos humanísticos na grade curricular, a fim de explicitar conceitos educativos ligados historicamente como um projeto formador e para uma sociedade democrática. Por isso, mais do que apreender novas ferramentas, novas plataformas digitais, o perfil deste novo egresso deve estar em consonância com o meio ambiente, a ética e os direitos humanos que garantam uma formação crítica e transformadora, cumprindo a função social pela qual o rádio foi criado, de consolidar o conhecimento e auxiliar na construção de novos parâmetros para um desenvolvimento de um jornalismo ágil e voltado para os interesses da sociedade.

Referências

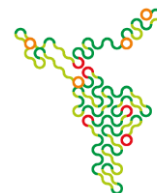
DEL BIANCO, Nélia; PRATA, Nair. **Perfil do ensino de rádio no Brasil**. In. Estudos Radiofônicos no Brasil: 25 anos de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Intercom. ValciZuculoto, Debora Lopez e Marcelo Kischinhevsky (Orgs). São Paulo, 2016.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

KAPLÚN, Mario. **A la educación por la comunicación**: la pratica de la comunicación educativa. Santiago: UNESCO/OREALC, 1992.

KAPLÚN, Mario. **Produção de Programas de Rádio**: do roteiro à direção. Tradução Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (Orgs.). Florianópolis: Insular, 2017.

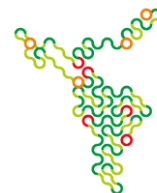
MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação**: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo. Florianópolis: Editora Insular/Editora da UFSC, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. O ensino do radiojornalismo em tempos de internet. In: MOREIRA, Sonia Virgínia; BIANCO, Nélia R. Del. **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: INTERCOM; Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. **Paulo Freire nas práticas emancipadoras da comunicação**: ainda hoje, um método subutilizado no Brasil. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 13, p. 132-143, 2016.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir**. Florianópolis: Insular, 2012.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Rádio e cidade**, vínculos sonoros. São Paulo: AnnaBlume, 2007.



O VOO DA ANDORINHA MENSAGEIRA NAS ONDAS DO RÁDIO URUSSANGUENSE

Karina Woehl de Farias¹
Charles de Sousa²
Rafael de Farias Niero³

Resumo: Este artigo traz o contexto histórico do programa *Andorinha Mensageira*, da Rádio Marconi de Urussanga/SC, criado em 1951. O radiofônico se firmou na história do rádio catarinense como o de maior duração sem interrupção e em atividade até os dias atuais, completando 67 anos no ar em 2018. O trabalho baseia-se em um documentário produzido no curso de Jornalismo da Faculdade Satc, de Criciúma/SC, onde é destacada a atuação do seu fundador, o Monsenhor Agenor Neves Marques, personagem icônico na comunicação do Sul de Santa Catarina por sua trajetória em áreas como educação, agricultura, saúde e religião. Explora questões sobre a interação no rádio como meio dialógico de produção do conhecimento. Para elaboração foram realizadas entrevistas jornalísticas com fontes primárias e secundárias, além do resgate de áudios disponibilizados pela emissora, utilizando assim de revisão bibliográfica e documental como base metodológica para esta pesquisa.

Palavras-chave: História do rádio; Rádio Marconi; memória; Monsenhor Agenor Neves Marques.

THE FLIGHT OF THE ANDORINHA MENSAGEIRA IN THE WAVES OF THE URUSSANGA RADIO

Astract: This article brings the historical context of the *Andorinha Mensageira* program, of Radio Marconi from Urussanga/SC, created in 1951. The radio station was established in the history of Santa Catarina radio as the longest duration without interruption and in activity until the present day, completing 67 years in the air in 2018. The work is based on a documentary produced by Satc college Journalism course, Criciúma / SC, where the performance of its founder, Monsignor Agenor Neves Marques, iconic character in the communication of the South of Santa Catarina for his trajectory in areas such as education, agriculture, health and religion. It explores issues such as language and radio interaction as a dialogic medium of knowledge production. For the preparation of the journalistic interviews were carried out with primary and secondary sources, beyond the rescue of audios made available by the broadcaster, using this way of bibliographical and documentary revision as a methodological basis for this research.

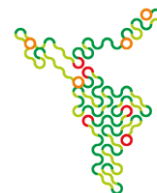
Keywords: History of radio; Radio Marconi, memory; Monsignor Agenor Neves Marques.

Introdução

¹ Doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, Jornalista e professora do curso de Jornalismo da Faculdade Satc, Criciúma-SC, Brasil.

² Acadêmico de Jornalismo da Faculdade Satc, em Criciúma-SC, Brasil.

³ Acadêmico de Jornalismo da Faculdade Satc, em Criciúma-SC, Brasil.



O rádio em Santa Catarina registra suas primeiras histórias ainda na década de 1920, em Blumenau. Isso ocorreu dez anos depois das primeiras transmissões no Brasil. Músicas entoavam os alto-falantes instalados pelo pioneiro do meio em Santa Catarina, João Medeiros Júnior. A experiência foi o embrião do que seria a primeira emissora do estado, a Rádio Clube. “Em fins de 1931, com um transmissor Collins de 150 watts de potência e uma antena Marconi tipo L com contra-antena, iniciou-se a experiência das transmissões. A programação era basicamente musical. (MEDEIROS E VIEIRA, 1999, p. 27).

Neste cenário e poucos anos depois, em 1951, surge em Urussanga a Rádio Marconi. Com a fundação da emissora nasce o primeiro programa: *Andorinha Mensageira*. Seu fundador e apresentador do programa, o Monsenhor Agenor Neves Marques, desenvolveu uma forma de se comunicar com a comunidade e evangelizar por meio de cartas enviadas por seus ouvintes.

Apesar das mudanças ocorridas na programação da rádio, o programa *Andorinha Mensageira* ainda se mantém em atividade e com destaque em toda a região sul de Santa Catarina. Trazer em evidência a história de um programa de rádio que há mais de seis décadas continua sendo referência estadual quando o assunto é programa religioso, coloca a população em contato com seu processo evolutivo e para sua consolidação.

O *Andorinha Mensageira* se firmou na história do rádio catarinense como o de maior duração sem interrupção e em atividade até os dias atuais, completando 67 anos no ar em 2018. O presente artigo parte de depoimentos registrados em um documentário produzido no curso de Jornalismo da Faculdade Satc, de Criciúma/SC, onde é destacada a atuação do seu fundador, o Monsenhor Agenor Neves Marques, personagem icônico na comunicação do Sul de Santa Catarina por sua trajetória em áreas como educação, agricultura, saúde e religião. A pesquisa utiliza revisão bibliográfica e documental como base metodológica e problematiza questões como a interação no rádio como meio dialógico de produção do conhecimento e o papel do padre educador Agenor.

Rádio Marconi e o seu inventor

A atual Rádio Fundação Marconi foi criada em 10 de fevereiro de 1951 pelo Monsenhor Agenor Neves Marques com o nome Rádio Difusora de Urussanga Ltda, tendo como sócios também Rosalino Damiani, Moacyr Búrigo, José Trento e Américo Cadorin. Somente no dia 19 de outubro



do mesmo ano, a rádio recebeu uma Portaria Ministerial que permitia o seu funcionamento no prefixo ZYT – 22 e utilizava o slogan A Voz de Veludo, em referência ao estúdio da emissora que era revestido com tecido aveludado (COSTA, 2016).

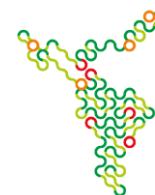
Até ser feita uma ampliação na Casa Paroquial para abrigar o estúdio, escritório e auditório da rádio, a emissora funcionou durante um ano dentro da Igreja Matriz. Costa (2016) relembra que a inauguração desse novo espaço aconteceu no Natal, com a Missa do Galo na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Urussanga, onde o Monsenhor Agenor abençoou os equipamentos para a nova etapa de transmissão.

A partir da década de 70, a rádio começou a passar por mudanças físicas, até se encontrar na localização atual. Naquela década já era denominada Rádio Fundação Marconi e funcionava sob o comando da Paróquia. A emissora tornou-se, por meio de Lei Municipal, um veículo de utilidade pública. Sua primeira mudança foi para o Edifício Kennedy, construído por organizações religiosas. Somente na década de 90, sob o comando do pároco Daniel Sprícigo e uma comissão, a rádio ganhou uma sede própria, localizada na Rua Paraíso da Criança, ao lado da Casa Paroquial, onde se mantém até os dias atuais. Na rua funcionava o Paraíso da Criança, casa fundada também pelo Padre Agenor, onde eram abrigadas crianças em situação de vulnerabilidade social, uma das mais importantes obras sociais e educativas da região sul do Estado. (COSTA, 2016).

O Monsenhor criou uma espécie de *slogan* para a emissora: *A Voz dos Vinhedos*. Ele o usava constantemente em seus programas, evidenciando a potencialidade vinícola da região de Urussanga. Na década de 2000, o gerente da emissora, que já tinha o prefixo AM 780, pediu autorização para que essa expressão utilizada pelo padre se tornasse o slogan oficial da Fundação Marconi.

A emissora atuante na região sul do estado é conhecida por produzir conteúdo de gênero popularesco, como notícia, serviço, entretenimento e futebol. Atualmente opera na frequência AM 780 e alcança 20 municípios entre a serra, sul e extremo-sul catarinense, contemplando mais de 600 mil pessoas. Além disso, implantou a rádio via internet ultrapassando as barreiras do dial. Outras ferramentas utilizadas pela emissora para alcançar um número maior de público são as redes sociais e o site. A rádio também está passando por um processo de migração para a frequência FM, com base em uma exigência da Anatel (MACCARI, 2016).

A história da Rádio Marconi está estritamente ligada ao contexto religioso, visto que desde a sua fundação os párocos do município contribuíram com o meio, incluindo na direção da emissora,



fato que ocorreu por volta dos anos de 1970. A presidência da Fundação já passou por quatro representantes: Agenor Neves Marques, Daniel Sprícigo, Jiovani Manique Barreto e Daniel Pagani (atual).

A figura de referência ao lembrar da história da emissora é a de Monsenhor Agenor Neves Marques, seu fundador. Nasceu na cidade de Palhoça no 10 de outubro de 1915. Foi ordenado padre no ano de 1940 em Tijucas, e posteriormente fez parte das dioceses de Florianópolis (até 1954), Tubarão (até 1998) e Criciúma. Em 29 de setembro de 1947 passou a desenvolver suas atividades na cidade de Urussanga, onde permaneceu até a sua morte (BESEN, 2017).

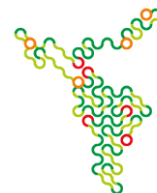
Primeiramente foi vigário e em 1948 foi nomeado pároco, permanecendo nessa função até 1987. Ministrou catequese para crianças e adultos, participou de movimentos populares e de defesa políticos e, por fim, dedicou-se a pessoas mais necessitadas.

Versátil, fala-se que por conta de seu amplo conhecimento nos mais variados segmentos, o Monsenhor Agenor foi de tudo um pouco, segundo Besen (2017, p.1) era “apicultor, aviador, acadêmico, padre, pesquisador, poliglota, político, poeta, motoqueiro, radialista, rotariano, soldado, sociólogo, orador, escritor, pediatra e historiador. Pode-se dizer que foi tudo isso e de tudo um pouco, mas especialmente, sacerdote, e sacerdote escritor”.

Conforme o autor (2017), escreveu diversas obras, dentre elas: Catequista Ideal (1955), Metodologia do Catecismo (1962), Imigração italiana (1977), Magnólia Branca (1978), Apicultura em Marcha (1980), Magos (1980), Jesus, o Galileu Passionário, História de Urussanga (1990), Abelha Maravilha (1993) Clarice em branco, Lispector em preto.

Pertenceu a Academia Internacional dos Poetas (cadeira Clarice Lispector de nº 255), Academia Urussanguense de Letras (membro fundador de Cadeira 15) e Academia São José de Letras (cadeira Mons. João Nepomuceno Manfredo Leite de nº 6). Também escreveu o hino do município de Urussanga e diversos outros hinos da região (BESEN, 2017). Todo esse envolvimento do Monsenhor Agenor Neves Marques demonstram o papel visionário que o religioso representou para a região durante décadas, tornando-se referencial na produção e construção de conhecimento nas mais variadas áreas.

Dentre suas obras mais marcantes, de acordo com autor (2017), está o Paraíso da Criança com capacidade para abrigar até 150 crianças em situação de vulnerabilidade social. A casa funcionou durante 55 anos com base na estrutura arquitetada pelo pároco. Porém, nos dias atuais, trata-se de



uma casa de passagem, onde após um tempo as crianças são encaminhadas para adoção ou retornam ao lar. A instituição foi criada em 1948 e durante muitos anos foi o Jardim de Infância de muitas crianças de Urussanga. Conforme Batista (2013), o estatuto da casa dizia que o espaço tinha por finalidade receber, abrigar, vestir, alimentar, educar e dirigir gratuitamente menores órfãos, abandonados ou verdadeiramente pobres, de ambos os sexos, sem distinção de raça ou religião.

Assim como o Paraíso da Criança serviu como local de ensino e aprendizagem para centenas de crianças, o programa radiofônico *Andorinha Mensageira* também contribuiu e segue contribuindo para o fortalecimento da memória radiofônica do Estado, bem como mantém a tradição e a cultura regional dos programas religiosos pelo dial brasileiro.

O voo pelas ondas radiofônicas

Criado em 1951, o programa *Andorinha Mensageira* foi inicialmente denominado *O microfone de Deus*. Meses depois, por gostar muito de pássaros e por sempre se comunicar com a comunidade em geral, o Monsenhor mudou o nome do programa para *Andorinha Mensageira* (MACCARI, 2016). Essas e outras histórias são contadas no projeto experimental em radiojornalismo apresentado na Faculdade Satc, de Criciúma, pelos autores deste artigo. A justificativa está no fato do radiofônico ser o mais antigo programa em funcionamento até os dias atuais em Santa Catarina. Diante disso, o documentário no qual se baseia esta pesquisa buscou evidenciar o processo histórico e evolutivo do programa e a tradição deixada pelo padre perpetuada nas ondas do rádio, bem como destacar o papel visionário na comunicação e na educação desempenhado pelo pároco.

O documentário radiofônico produzido conta os 66 anos de história do programa *Andorinha Mensageira*. Dentre as marcas registradas do radiofônico, a interação se destacava. Por meio de cartas, que não eram poucas, as pessoas pediam bênçãos, conselhos sentimentais e orientação das mais variadas, até receitas de remédios caseiros. Em 1975, Rosa Miotello passou a auxiliar o padre na jornada, já que o padre “multitarefa” tinha outras atividades na agenda. Maccari (2016) pontua que quando o monsenhor estava doente, o programa era transmitido da sua casa, onde um estúdio amador foi montado para o pároco. No ano de 2006, com o falecimento do Monsenhor, Rosa continuou com a tradição do programa na emissora.

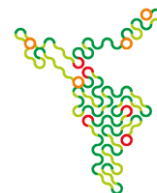


Machado (2007) descreve que o *Andorinha Mensageira* é o programa de rádio mais antigo que se mantém em atividade no rádio de Santa Catarina. Seu ápice aconteceu nas décadas de 50, 60 e 70. “Balaies de cartas chegavam à Casa Paroquial em Urussanga pedindo bênçãos, conselhos, opiniões narrando segredos e confidências, registrando histórias e fatos de fiéis e ouvintes que se estendiam do Planalto Serrano até as brancas areias do Atlântico Sul” (MACHADO, 2007, p.1).

Rosa Miotello segue mantendo o formato do programa nos mesmos moldes traços pelo criador Agenor Marques. Logo no início, mensagem, leitura de poemas e atualmente de e-mail fazem parte da produção. A única diferença é que Rosa pede as bênçãos para o padre da cidade (MACCARI, 2016). Outra característica que permanece até a atualidade são as trilhas do programa como a música de abertura do compositor Johann Strauss, a Valsa do Imperador, mesclados com os sons de aves brasileiras. Nos dias atuais, o programa é dominical, das 7h às 8h. Rosa tenta utilizar as mesmas palavras, a mesma abertura, a mesma forma de dar bom dia aos ouvintes, mesmo com mais de seis décadas no ar.

Para a produção do documentário que norteia esta pesquisa, foram realizadas gravações em áudio, entrevistas com fontes primárias, como a própria Rosa Miotello, atual apresentadora do programa, Sérgio Mestrelli, ex-presidente da Academia de Letras de Urussanga e, Luiz Marques, ex-sonoplasta do programa. Das fontes secundárias foram entrevistados o atual pároco do município de Urussanga e presidente da Rádio Marconi, Pe. Daniel Pagani. Além das entrevistas, um outro documentário produzido pela Epagri no ano de 2000, a pedido da estação de Urussanga, contando parte da trajetória do Monsenhor Agenor Neves Marques, serviu como base para coleta de informações que auxiliam no resgate histórico do programa radiofônico mais antigo, ainda em operação, de Santa Catarina.

O documentário sobre a *Andorinha Mensageira* utilizou de trilhas sonoras cedidas pela própria Rádio Marconi de seus arquivos e, muitos deles, são originais e escolhidas à época pelo próprio monsenhor. O material bibliográfico acessado para a construção do referencial teórico do programa em questão se baseou em livros e fontes como a *Revista Panorama, especial 65 anos Fundação Marconi* da editora Marcia Marques Costa e, uma reportagem da jornalista Eliana Maccari, *Marconi: A mensageira do Povo há 65 anos*. Para compor o referencial teórico deste trabalho, os autores utilizaram referências sobre a história do Rádio em Santa Catarina e a sua evolução.



Considerações finais

Trazer em evidência a história de um programa tão antigo como o *Andorinha Mensageira*, coloca a comunidade em contato com informações que não estavam sistematizadas e de fácil acesso aos ouvintes. Assim, este trabalho buscou sistematizar e apresentar a história de um dos programas de rádio mais antigos em atividade no estado, conectando os ouvintes com a cultura regional.

O artigo apresentou o processo histórico do *Andorinha Mensageira* ao longo dos anos e rememorou a tradição deixada pelo Padre Agenor, figura de muito prestígio e respeito na cidade de Urussanga, por meio de um documentário radiofônico que serviu de referencial para esta pesquisa. Dessa forma, durante a seleção de entrevistas para a reportagem de rádio produzida, foi fácil encontrar pessoas que falassem do monsenhor Marques Neves e do programa pelo seu reconhecimento e audiência na região. Além disso, o caráter inovador e educativo, principalmente relacionado ao Paraíso da Criança e à Rádio Marconi, foram evidenciados pelas fontes ouvidas.

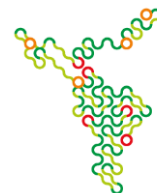
As entrevistas aconteceram por intermédio do contato com pessoas que tinham diferentes relações com o programa, como o padre que dá a benção final no *Andorinha* nos dias de hoje, ouvintes, atual apresentadora do programa, ex-secretária da Casa Paroquial, ex-presidente da Academia de Letras, primeiro sonoplasta do programa, o anterior e o atual pároco da cidade de Urussanga, entre outras fontes pesquisadas. Essa diversidade de contatos possibilitou a formulação de um material com informações interessante, por vezes curiosas, que contemplam diferentes olhares e perspectivas sobre o programa *Andorinha Mensageira*, marco na história fonográfica do sul de Santa Catarina.

Referências

BATISTA, Rosa. **A emergência da docência na educação infantil no estado de Santa Catarina: 1908-1949**. 141 f. 2013. Tese de Doutorado. Tese de doutorado-UFSC, Florianópolis.

BESSEN, Pe. José Artulino. **Monsenhor Agenor Neves Marques**. 2017. Disponível em: <https://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/mons-enhor-agenor-marques-ministro-da-palavra/>. Acesso em: 24 de ago. 2017.

COSTA, Márcia Marques. **Especial 65 anos Fundação Marconi**. Panorama Nossa Gente, Urussanga: Costa Editorial, 2016.

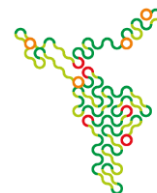


MACCARI, Eliana. Marconi: **A mensageira do povo há 65 anos**. Jornal Vanguarda. 2016. Disponível em: http://www.jvanguarda.com.br/site2012/2016/02/05/warning-htmlespecialchars-function-htmlespecialchars-charset-8859-1-not-supported-assuming-iso-8859-1-in-home2jvanguarpublic_htmlsite2012wp-includesformatting-php-on-line-3310-240/. Acesso em: 24 de ago. 2017.

MACHADO, Agilmar. **Padre Agenor e a Andorinha Mensageira**. Caros ouvintes: Instituto de estudo de mídia. 2007. Disponível em: <http://www2.carosouvintes.org.br/padre-agenor-e-a-andorinha-mensageira/>. Acesso em: 24 de ago. 2017.

MEDEIROS, R.; VIEIRA, L. H. **História do rádio em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1999.

RÁDIO MARCONI. **Histórico**. 2017. Disponível em: <http://radiomarconi.net/historico/>. Acesso em: 24 de ago. 2017.



FORMAÇÃO VOLTADA PARA A COMUNIDADE - ATUAÇÃO DA RÁDIO ARCA FM

Nayane Cristina Rodrigues de Brito¹

Resumo: Uma rádio comunitária exerce grande importância para uma localidade, sobretudo, quando pode operar contribuições ao oportunizar momentos para discutir os interesses de uma comunidade. Este artigo busca refletir sobre a formação voltada para a comunidade, a partir do trabalho desenvolvido por emissoras comunitárias, ao remeter-se à experiência da rádio Arca FM 87,9. A emissora radiofônica está no ar desde 27 de abril de 1998, localizada na cidade de Açailândia, no Maranhão. É reconhecida por desenvolver um trabalho de educomunicação comunitária, ao oferecer cursos que oportunizam a qualificação do cidadão frente aos processos de produção no rádio, discussões sobre problemas sociais e a compreensão do que é uma rádio comunitária.

Palavras-chave: Rádio Comunitária. Educomunicação. Arca FM. Açailândia-MA.

Training turned to the community - action of the Arca FM radio

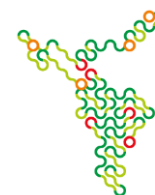
Astract: A community radio has a lot of importance for a locality, especially, when it offers opportunities to discuss the interests of a community. This study intends to reflect on the formation directed to the community, based on the work developed by community broadcasters, evidencing the experience of the radio Arca FM 87,9. This radio station has been on the air since april 27, 1998, and is located in Açailândia city, in Maranhão. It is recognized for developing community educommunication work, offering courses that enable citizens to qualify for radio production processes. In addition, these courses promotes discussions on social problems and the knowledge of what is a community radio.

Keywords: Community Radio. Educommunication. Arca FM. Açailândia-MA.

Considerações iniciais

As atuações das rádios comunitárias, teoricamente, relacionam-se com as possibilidades de os cidadãos exercerem seus plenos direito à comunicação, que vão além da liberdade de expressão e acesso aos meios. Esse direito para Mattelart (2009, p. 43) se dá também através de “[...] a produção e o compartilhamento de conhecimentos; os direitos civis, como a privacidade; os direitos culturais,

¹ Doutoranda do programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC)/CAPES. E-mail: nayanebritojornalista@gmail.com



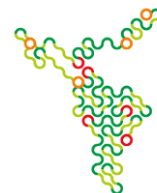
como a diversidade linguística”. O autor argumenta que só haverá diversidade quando existir diversidade de atores participando nos processos comunicativos.

A grande mídia veicula diariamente diversos conteúdos noticiosos e configura esferas discursivas pautadas geralmente em interesses que estão distantes dos bairros periféricos, cidades interioranas e comunidades afastadas dos grandes centros. Uma comunicação democrática que permita a inserção de todos na esfera pública certamente perpassa a constituição de uma opinião pública dos cidadãos conscientes de sua realidade.

Compreende-se que uma rádio comunitária exerce grande importância para uma localidade. Em tese, é um espaço para oportunizar momentos de discussão sobre os interesses de uma comunidade, estabelecendo-se como importante meio para contribuir com o local. A programação deve ser pensada para o público do local onde a emissora está inserida, seja um bairro ou uma cidade geograficamente pequena. Essa atuação é ainda mais necessária em lugares onde a emissora comunitária é o único meio local de comunicação. Essa é a realidade de alguns municípios localizados no Sul do Maranhão¹.

Reflexões como estas foram estruturadas a partir da pesquisa de campo desenvolvida no âmbito do mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), realizada entre os dias 12 e 21 de março de 2015, e finalizada entre 06 de janeiro e 06 de fevereiro de 2016, cujo desenvolvimento mais abrangente se propõe a mapear a existência de emissoras de rádio nas 49 cidades do sul do estado, e nessas buscar, em especial, verificar e analisar o que é transmitido de radiojornalismo. A partir dos dados levantados, obteve-se informações sobre 48 emissoras comunitárias, entre elas, a Arca FM 87,9 localizada na Vila Ildemar, na cidade de Açailândia, Maranhão. A emissora exerce um trabalho de educomunicação através de cursos de formação para a comunidade, cumprindo assim com parte dos objetivos de uma rádio estabelecida como comunitária. Na perspectiva de Peruzzo (2004), essa modalidade de emissora deve contribuir em formar a comunidade.

¹ O Sul do Maranhão é formado por 49 cidade, entre elas: Alto Parnaíba, Balsas, Feira Nova do Maranhão, Riachão, Tasso Fragoso, Campeste do Maranhão, Carolina, Estreito, Porto Franco, São João do Paraíso, São Pedro dos Crentes, Benedito Leite, Fortaleza dos Nogueiras, Loreto, Nova Colinas, Sambaíba, São Domingos do Azeitão, São Félix de Balsas, São Raimundo das Mangabeiras, Açailândia, Amarante do Maranhão, Buritirana, Cidelândia, Davinópolis, Governador Edison Lobão, Imperatriz, Itinga do Maranhão, João Lisboa, Lajeado Novo, Montes Altos, Ribamar Fiquene, São Francisco do Brejão, São Pedro da Água Branca, Senador La Rocque, Vila Nova dos Martírios, Bom Jesus das Selvas, Buriticupu, Arame, Barra do Corda, Fernando Falcão, Formosa da Serra Negra, Grajaú, Itaipava do Grajaú, Jenipapo dos Vieiras, Sítio Novo, Mirador, Nova Iorque, Pastos Bons, Sucupira do Norte.



A partir dessa questão central, da educação para a cidadania, este texto tem o objetivo de refletir sobre a formação voltada para a comunidade, a partir das rádios comunitárias, ao remete-se a experiência da rádio comunitária Arca FM. Após a discussão teórica, preponderante para compreensão do tema estudado, parte-se para caracterizar o surgimento da rádio Arca FM, e nesse contexto o processo de mobilização e envolvimento da comunidade e os trabalhos desenvolvidos para colaborar com a formação dos moradores açailandenses. Tais informações foram sistematizadas a partir de entrevistas semiabertas a três representantes da emissora.

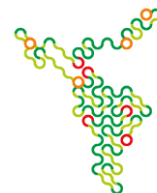
Rádios comunitárias no exercício da cidadania

Comunicação comunitária, em sua essência, não está ligado apenas com a questão territorial, mas pressupõe práticas comunicacionais que devem estar a serviço da comunidade em que está localizada. Peruzzo (2011) enfatiza que o estabelecimento de um meio de comunicação em um determinado local, a utilização de uma linguagem semelhante ou o noticiar os acontecimentos da localidade não implicam automaticamente que se trata de um veículo de comunicação comunitária, pois o mesmo pode seguir as lógicas comerciais e políticas de um veículo tradicional:

Assim sendo, a comunicação comunitária são reservadas exigências de vínculos identitários, não possuir finalidades lucrativas, e estabelecer relações horizontais entre emissores e receptores com vistas ao empoderamento social progressivo da mídia e ampliação da cidadania (PERUZZO, 2011, p. 24).

Ainda na perspectiva dos estudos de Peruzzo (2011, p. 25), comunicação comunitária e comunidade estão ligadas pela “mística em torno da justiça social”, com a iniciativa de atores sociais que formam uma “comunidade de ideias”, a fim de que todos possam ter “dignidade e seus direitos de cidadania respeitados”.

Essas reflexões vão ao encontro dos objetivos quanto à atuação de uma emissora radiofônica comunitária, qual sejam: de colaborar no desenvolvimento social de uma comunidade, ao proporcionar o exercício de uma comunicação plural e democrática (PERUZZO, 2006). Esta autora lembra que a radiodifusão comunitária demorou a ser legalizada no Brasil e faz parte de uma conquista adquirida pelos movimentos sociais e por “comunidades”, destaque da própria autora.



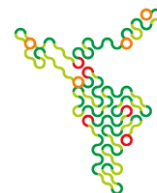
Marcelo Martínez Hermida (2015), em um breve ensaio, trabalha hipóteses quanto ao propósito dos meios comunitários. Para o autor, a comunicação deve cumprir um importante papel como uma ferramenta de diálogo e interação social. A partir de uma leitura crítica quanto à atuação da grande mídia, o autor propõe, por meio da comunicação comunitária, um espaço recíproco para a discussão dos assuntos da vida social e organização das comunidades. Na perspectiva do pesquisador, deve-se inverter a noção de comunicação vertical para a horizontal:

Assumir la opinión pública desde una perspectiva crítica se podría identificar entonces, y a la luz de lo expresado anteriormente, con la manera de crear el clima de diálogo, las condiciones de la participación y la difusión del consenso como parte de la instrumentación que ayude a tratar y comprender en común los asuntos de la vida social, en la organización colectiva de las comunidades y los grupos sociales. Disponer, como se propondría actualmente, las necesarias estrategias de conmoción y contagio en una dinámica horizontal y en red (HERMIDA, 2015, p. 8-9).

Ao tratar de controvérsias nas rádios comunitárias, Peruzzo (2006) critica as outorgas que são facilmente liberadas para o funcionamento de emissoras comunitárias ligadas a algum político, igrejas ou determinadas pessoas que se apropriam do meio, o que, por outro lado, é dificultado para associações que podem trabalhar em prol da comunidade.

A manutenção de poderes políticos perpassa a permanência dos mesmos debates na esfera pública. Pautados por interesses políticos e econômicos, busca-se persuadir os cidadãos também por intermédio dos meios comunitários. Nesse cenário, é importante pensar em mecanismos que aproximem e conscientizem a comunidade sobre a importância da sua participação em uma rádio comunitária. Para Peruzzo (2006, p. 189), não basta ser ouvinte, é necessário o envolvimento, a emissora precisa ser “[...] o canal de comunicação nas mãos do ‘povo’ para que as pessoas possam ecoar suas diferentes vozes e participar de todo o processo de fazer rádio”.

Na concepção de Nunes (2007), as rádios comunitárias podem contribuir no exercício da cidadania ao descentralizar as informações, proporcionar a liberdade de informações, além de romper com o silêncio imposto pela mídia hegemônica. Para que a cidadania se efetive, também é necessário que os cidadãos estejam conscientes da realidade que os cerca, possam exigir e atuar para uma comunicação mais democrática. Isso é possível, segundo Nunes (2007, p. 115), “[...] com a formação de uma opinião pública mais próxima da realidade, com o desenvolvimento da consciência crítica e da própria educação”.



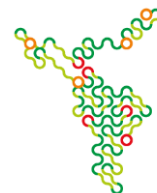
Verifica-se que a atuação e gestão das rádios nem sempre estão voltadas para os interesses das comunidades. É necessária uma perspectiva crítica quanto às relações de interesses em torno dessas experiências radiofônicas comunitárias. A comunicação pode ser pensada como a essência da própria comunidade, a partir de conteúdos voltados para a cidadania e a melhoria da localidade em que a emissora está inserida. Assim, a comunicação pode determinar o modo de ser dessa comunidade e colaborar para uma consciência politizada dos cidadãos. Estes precisam compreender a importância do local que eles podem ocupar e os papéis que podem exercer na sociedade civil.

Notadamente apenas a conscientização dos cidadãos pode os fazer tanto cobrar pela gestão e atuação dessas rádios para que sejam da e para a comunidade, quanto envolverem-se através de sugestões e participação ativa na produção da programação. A sugestão é a formação para a comunidade, através da realização de cursos que esclarecem a função de uma emissora comunitária, aulas práticas quanto as técnicas de locução e edição, entre outros ensinamentos. Habermas (2003) compreendia que a esfera pública era formada por pessoas que tinham opiniões próprias seja por literatura ou política.

Nesse raciocínio, as emissoras comunitárias podem oferecer além de conteúdos pautados na localidade, espaços na emissora para a participação dos moradores. Educomunicação comunitária, é assim que Peruzzo (2006, p.11) denomina “[...] às inter-relações entre Comunicação e Educação informal (adquirida no dia-a-dia em processo não organizado) e não-formal (formação estruturada e pode levar a uma certificação, mas difere da educação formal ou escolar)”. Para a autora esse processo educativo pode dar subsídios para as pessoas compreenderem o processo produtivo em uma rádio, as estratégias envolvidas e aguçar o seu senso crítico com relação a mídia.

Por exemplo, a seleção de notícias a que a pessoa se vê obrigada a fazer na hora de montar o noticiário na rádio comunitária, bem como os demais mecanismos que condicionam o processo de produzir e transmitir mensagens com os quais se depara cotidianamente, lhe tira a ingenuidade sobre as estratégias e as possibilidades de manipulação de mensagens pelos grandes meios de comunicação de massa (PERUZZO, 2004, p. 71-72).

Neste sentido, as rádios comunitárias constituem-se como importante instrumento para a inserção da comunidade na esfera pública, ao agirem como arenas de debates, espaços para as discussões das problemáticas locais e favorecer a liberdade de expressão. Acredita-se que essas emissoras podem educar através da transmissão das mensagens, mas também pela formação não-formal ao proporcionar cursos para a comunidade.



Rádio Arca FM

No Brasil existem algumas experiências educativas em rádios comunitárias. Destaca-se neste texto a atuação da rádio Arca FM 87,9, enquanto uma evidência de práticas educativas em emissoras comunitárias no Sul do Maranhão. Para antecipar as reflexões sobre as formações devolvidas nas rádios, verifica-se uma breve descrição da trajetória da emissora.

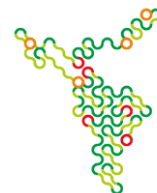
A rádio Arca FM, está localizada no bairro Vila Ildemar, na cidade de Açailândia². Um dos grandes parceiros da emissora é o Centro de Defesa dos Direitos Humanos Carmen Bascarán. Dois anos após a fundação do Centro de Defesa, na década de 1990, alguns militantes da organização criaram um projeto para uma rádio comunitária. Desde 27 de abril de 1998, junto com outras entidades, formou-se a Associação Rádio Comunitária Açailândia, que logo enviou para o Ministério das Comunicações o pedido de outorga para funcionamento da rádio. Verificou-se que a sigla da associação formava a palavra arca, assim a emissora ficou conhecida pelo nome Arca FM, e inclusive utiliza a imagem de uma arca em seus materiais gráficos.

Nos primeiros anos a sede da rádio localizava-se no centro de Açailândia, mas em 2007, quando saiu a liberação, já existia outra emissora comunitária no bairro, e por questões legais, exigidas com relação à distância entre as rádios comunitárias, mudou-se para o bairro Vila Ildemar, um dos mais populosos da cidade e com alto índice de violação de direitos humanos. Entre esses fatores somou-se o fato do Centro de Defesa dos Direitos Humanos apresentar projetos no local e alguns membros da emissora morarem no bairro.

Emissora fechada, equipamentos apreendidos e prisões de seus representantes fazem parte da luta da rádio para existir. Esses momentos são recordados por aqueles que vivenciaram essa história. Destacam-se as memórias do diretor administrativo, Antonio Filho, ao identificar essas ocasiões de resistência como difíceis, “mas que valeu a pena”:

O período de 2001 a 2003 foi o período que todo Brasil estava explodindo essa questão da rádio comunitária, foi um período bom, bonito, mas também difícil porque era realmente manter uma resistência pra que a gente pudesse conseguir esses espaços. A emissora nesse período foi fechada quatro vezes, nesse período de três anos, levava equipamento, a gente comprava de novo. Em 2003 quando foi fechada eu ainda fui preso pela polícia por

² O IBG estima que em 2015 haverá na cidade 109.685 mil habitantes. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=210005&search=maranhao|acailandia>. Acessado em 14 de outubro de 2015.



desrespeito por ter aberto a rádio, aí teve um processo que correu na justiça (...) paguei a fiança e saí logo, o processo prescreveu (ANTONIO FILHO).

“Não sou pirata, sou legal”, esta era a frase destacada na camisa daqueles que apoiavam a causa da emissora. Junto com os colaboradores, a comunidade foi às ruas para exigir o funcionamento da Arca FM, após as intervenções da Anatel. Entre 2001 a 2003, recolheram-se 7 mil assinaturas na cidade de Açailândia para demonstrar que a emissora deveria receber outorga para funcionamento, isso em meio a uma concorrência com outra emissora, uma vez que nesse período a cidade só poderia ter uma rádio comunitária. Apesar das tentativas, pela ausência de um documento, a rádio só recebeu liberação em 2007.

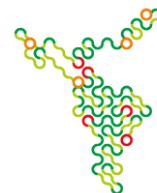
O jornalismo já foi mais presente no trabalho da emissora, um dos poucos programas que veiculava notícia, durante o período da pesquisa³, era “Direitos Humanos: um desafio para a vida”⁴, estava no ar há 14 anos, de responsabilidade do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Carmen Bascarán. A produção chega aos ouvintes todos os sábados, de 8h às 10h. Com notícias nacionais, locais e entrevista em estúdio, o informativo é dividido em três blocos. No programa são trabalhados temas relacionados aos direitos humanos.

Essa realidade é justificada pela carência de profissionais que possam comandar programas jornalísticos. Se em anos anteriores as dificuldades estavam relacionadas com a falta de equipamentos para produção das notícias, hoje o material humano é o grande dilema, “[...] a gente não tinha computador suficiente pra fazer as redações, não tinha transporte pra ir atrás da informação, aí hoje tem, mas não tem as pessoas pra poder ocupar o espaço”, desabafa Alison Silva. Uma das estratégias da rádio para solucionar essa questão é oferecer cursos de formação, principalmente para moradores da Vila Ildemar, isso porque os alunos não se limitam a esse bairro.

Educação para a cidadania através da rádio Arca FM

A Arca FM tonou-se uma referência em Atividades educativas voltadas para a comunicação. Nesses 20 anos de história registra-se mais de 650 adolescentes e jovens qualificados nas formações

³ A pesquisa foi realizada entre os anos de 2015 e 2016.



de Jornalismo Comunitário, Comunicação Comunitária, Locução e Apresentação, Tipos de Programas, Fonética Dicção, Direitos Humanos, Sonoplastia, Gravação e Edição de Áudio, entre outras.

Anualmente, a emissora promove algum curso de formação não-formal. A realização desses inicia com a elaboração de projetos em busca de financiamentos, mas trabalha-se também apenas com os recursos da rádio, a partir de cursos de curta duração e que não exigem grande investimento financeiro. Geralmente as instalações físicas da Arca FM são utilizadas para as aulas teóricas e práticas, quando necessárias.

As formações também ocorrem em parceria com diferentes instituições, um exemplo é o curso de Radiojornalismo iniciado em 11 de março de 2017 com término no dia 15 de abril do mesmo ano, a partir da parceria com a Rede Justiça nos Trilhos⁵. O objetivo da oficina foi orientar quanto a produção de notícias radiofônicas. Na ocasião 15 pessoas realizaram inscrição, entre eles profissionais que atuam na emissora, moradores da Vila Ildemar, de outros bairros e duas alunas da cidade de Imperatriz, localizada a aproximadamente a 67 km de Açailândia.

Entre os anos 2004-2005 e 2008-2009 ocorreu a formação com o intuito de comunicadores atuantes em veículos de comunicação pudessem adquirir o registro profissional. O primeiro, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e a Superintendência Regional do Trabalho, e o segundo também com a Superintendência Regional do Trabalho e o Sindicato dos Jornalistas de Imperatriz. Nesses cursos, formaram-se sempre mais de 20 pessoas. Os conhecimentos estavam entre disciplinas de locução, sonoplastia, noções básicas sobre radiodifusão, história do rádio, ética na comunicação, entre outros. Além de alunos da comunidade, compreendeu-se que era interessante também ter vagas para moradores de outros bairros e de outras cidades (São Francisco do Brejão, Cidelândia, Bom Jesus das Selvas, Alto Alegre do Pindaré, Davinópolis, etc). Inclusive essa é uma característica das formações proporcionadas pela rádio, de não focar apenas em moradores da Vila Ildemar, mas oportunizar que outras pessoas usufruam desse trabalho comunitário, porém, a prioridade sempre será para moradores da localidade.

⁵ Informações sobre a Rede Justiça nos Trilhos podem ser verificadas no site: <http://justicanostrilhos.org>. Acessado em 24 de março de 2017.



Entre 26 projetos contemplados no processo da XII Seleção Anual de projetos da Brazil Fordation,⁶ de 2013, estava o da Arca FM. A organização também cedeu um prêmio de incentivo de 20 mil reais para a rádio. O projeto denominado “Comunicação Comunitária Libertária” durou cerca de oito meses, teve a presença de adolescentes, jovens e adultos, com informações sobre jornalismo comunitário, técnicas para gravação, edição de áudios e outros conhecimentos.

Outro projeto foi o “Protagonismo em Comunicação e o Combate à Violência Sexual” que estabeleceu um diálogo com crianças e adolescentes sobre gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, drogas, etc. “Levamos as crianças e adolescentes pra estarem falando disso com as próprias crianças e com os próprios adolescentes. A gente descobriu que era mais fácil [...]”, essa foi uma das metodologias utilizadas para aproximar o assunto da comunidade, comenta Rafet de Araújo, uma das colaboradoras da rádio. O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Açailândia (MA) – COMUCAA- foi parceiro nesse projeto.

Na segunda semana de outubro de 2015, 16 jovens e adolescentes concluíram o curso de Locução e Sonoplastia. A partir das disciplinas Comunicação e História do Rádio, Direitos Humanos e Mídia, Tipos de Programa, Jornalismo, Publicidade e a Importância do Rádio, Fonética e Dicção, a formação deu oportunidade para os participantes conhecerem o funcionamento de uma emissora radiofônica e ainda atuarem nesse espaço. Atualmente, cerca de 10 colaboradores que atuam na rádio estiveram anteriormente nesses cursos. Para Antonio Filho:

Centenas de jovens e adolescentes que se profissionalizaram aqui não vou dizer assim que se profissionalizaram na área da comunicação, do jornalismo, mas aqui conseguiram encontrar um caminho, um espaço na formação humana, na cidadania, e daqui começaram o seu espaço profissional em algum outro local aí, eu acho que a grande contribuição da emissora é essa. A gente percebe que há uma relação de confiança da comunidade com a emissora, pelo simples fato da emissora não entrar na questão político partidário, que os outros meios de comunicação faz, então o pouco espaço que tem de programação política e cultural eles percebem que é diferenciado (ANTONIO FILHO).

⁶ “Brazil Foundation mobilizes resources for ideas and actions that transform Brazil. We work with local leaders, organizations and a global network of supporters to promote equality, social justice and economic opportunity for all Brazilians”. Texto que se refere a missão dessa organização não governamental. Mais informações no site: <http://www.brazilfoundation.org/portugues/quem-somos/visao-geral.php>. Acessado em 9 de outubro de 2015.

Alunos com seus certificados de conclusão do Curso de Locução e Sonoplastia de 2015.



Fonte: Rádio Arca FM

A professora de Letras, Rafaet de Araújo passou por algumas formações da rádio e hoje, quando necessário, colabora nos cursos de formação. “Toda a minha base foi aqui, a gente aprendeu que comunicação tem a ver com tudo, não necessariamente se você vai ser locutor, apresentador de jornal, repórter...”. Ela compreende que os cursos, além de contribuírem para a cidadania, possibilitam que se tenham pessoas para atuarem na emissora.

Por essa atuação a emissora já recebeu prêmios de reconhecimento e também incentivo. Um dos prêmios rendeu uma quantia de 60 mil reais, utilizado para melhorar a estrutura física da rádio. Esses foram apenas alguns exemplos de formações desenvolvidas pela Arca FM.

Considerações finais

Os meios de comunicação se consolidaram como arena de debate, mas as comunidades nem sempre ganham espaços para divulgar as suas opiniões ou discutir as problemáticas da localidade. Para debater sobre essas questões surgiram as rádios comunitárias a partir de iniciativas dos movimentos sociais e comunidades, com o objetivo de ser a voz dessas comunidades.

Pertencimento, identidade e solidariedade são algumas palavras que caracterizam o termo comunidade, relacionado não apenas com a ideia de território. Partindo desse pressuposto verifica-se



que uma rádio comunitária vai além de estar localizada em determinada área geográfica ou falar das coisas do local, mas agir para o desenvolvimento da comunidade.

A opinião pública nasce nos espaços públicos, das experiências que neles se estabelecem, as emissoras comunitárias também se constituem como esses espaços que podem além da veiculação de mensagens, desenvolver um trabalho de educomunicação comunitária, ao oferecer cursos que oportunizam a qualificação do cidadão frente aos processos de produção no rádio, discussões sobre problemas sociais e a compreensão do que é uma rádio comunitária.

Remete-se a experiência da rádio comunitária Arca FM 87,9 com o trabalho de educomunicação comunitária, permitindo o exercício da cidadania na formação de pessoas que possam comunicar a partir do uso dos microfones da rádio. Durante os 20 anos de emissora formou-se mais de 650 cidadãos, em cursos que parte do jornalismo comunitário a técnicas de rádio.

Tendo em vista uma formação cidadã, a emissora não restringe os cursos apenas para os moradores da Vila Ildemar, na concepção de uma comunidade com laços de reciprocidade (BAUMAN, 2003) as ações educativas formam pessoas para serem mais conscientes de suas realidades e também para educar profissionais que atuem tanto na Arca FM como em qualquer outra emissora de rádio.

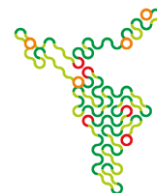
Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HERMIDA, Marcelo Martinez. Comunidad, opinión pública y medios? Una propuesta inicial del estudio de sus relaciones y fracturas a propósito de los medios comunitarios. In: RENÓ, Denis. MARTÍNEZ, Marcelo. CAMPALANZ, Carolina (ed.). **Medios y opinión pública**. Bogotá: Universidad do Rosario. Escuela de Ciencias Humanas, 2015.

MATTELART, Armand. **A construção social do direito à Comunicação como parte integrante dos direitos humanos**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 32, n.1, p. 33-50, jan./jun. 2009. Disponível em:



<<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/236/229>>
. Acessado em 06 de agosto de 2015.

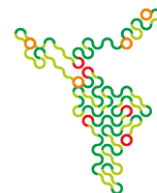
NUNES, Márcia Vidal. Rádios comunitárias: exercício da cidadania na estruturação dos movimentos sociais. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PERUZZO, Cicilia. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: OLIVEIRA, Maria José da Costa (Org.). **Comunicação Pública**. Campinas: Alínea, 2004.

_____. Rádios comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (Org.). **Mídia cidadã, utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

_____. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. In: BARBALHO, Alexandre; FUSER, Bruno; COGO, Denise (Org.). **Comunicação e cidadania**: questões contemporâneas. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2011.

_____. **Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento local**. Disponível em:
<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/R%C3%A1dio_comunit%C3%A1ria_educomunica%C3%A7%C3%A3o_e_desenvolvimento_local>. Acessado em 8 de outubro de 2015.



O PAPEL EDUCATIVO NA EXPERIÊNCIA DE RÁDIO DA OMBUDSMAN ADÍSIA SÁ

Diana de Azeredo¹

Valci Regina Mousquer Zuculoto²

Resumo: Por meio deste trabalho de pesquisa, a proposta é atualizar as reflexões sobre a crítica de mídia e a função de *ombudsman* na mídia, a partir da experiência da jornalista Adísia Sá. O recorte abrange a sua atuação como ouvidora da Rádio O Povo e a ênfase é dada no aspecto educativo das mensagens transmitidas.

Palavras-chave: *Ombudsman*. Rádio. Adísia Sá. Crítica.

The educational position on radio's experience of the news ombudsman Adísia Sá

Through this research, the proposal is to update the reflections about of ombudsman in the media, based on the experience of the journalist Adísia Sá. The clipping covers his job as ombudsman of Radio O Povo and the emphasis is given on the educational aspect of the transmitted messages.

Keywords: News ombudsman. Radio. Adísia Sá. Criticism.

Diante dos raros exemplos de ouvidoria na imprensa brasileira e das poucas abordagens sobre este tema, em publicações científicas, entende-se como necessária a retomada do debate acerca da função de *ombudsman*, assim como o registro, na condição de pesquisa histórica¹, dessa experiência em meio radiofônico. Por meio de revisão bibliográfica, estudo de caso e entrevista com a professora, jornalista e ex-ouvidora da Rádio O Povo, Adísia Sá, o objetivo é oferecer uma contribuição, ainda que mínima, às discussões sobre a crítica midiática. Trata-se, pois, de um assunto de interesse público, envolvendo a audiência diretamente. E quando se pensa no rádio (meio de grande abrangência), o exercício crítico e educativo parece ampliar seu potencial em relação à sociedade.

Veículo centenário no mundo e existente há 95 anos no Brasil (se considerada a primeira transmissão oficial, feita em setembro de 1922), o rádio passou a ser objeto de pesquisa acadêmica brasileira há apenas meio século. Esses são dados apresentados por Zuculoto (2016) e ajudam a situar essa pesquisa. Ao analisar uma década de produções de dissertações e teses brasileiras, Haussen

¹ Bolsista Capes e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis (SC), Brasil.

² Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis (SC), Brasil.

¹ Este artigo apresenta um novo enfoque a partir de uma pesquisa mais ampla, presente no artigo aprovado para os anais do III Simpósio Nacional de Rádio, ocorrido em abril de 2018.



(2016) expõe estatísticas que também colaboram para contextualizar este artigo. São 179 trabalhos que abordam, entre os principais temas, “pesquisas gerais”, “comunicação comunitária e livre” e “radiojornalismo”. “História” é o quarto conteúdo que mais prepondera nos estudos analisados. Os temas “crítica” ou “ouvidoria” não chegam a ser categorizados.

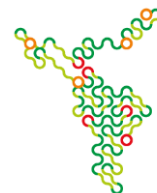
Não é interesse aqui aprofundar aspectos históricos sobre a consolidação do rádio como meio de comunicação. Por ora, basta lembrar que esse veículo passa por transformações desde suas primeiras utilizações para fins militares, passando por suporte predominantemente de entretenimento e de propaganda totalitarista até chegar aos modelos diversificados contemporâneos, mesclando informação jornalística e apresentando versões especializadas para públicos determinados. Os atributos do rádio consolidam seu vigor como meio de comunicação² ao longo do tempo.

Desde que adquiriu o perfil de veículo de comunicação de massa, o rádio tem sido apontado como aquele, entre os meios massivos, com potencial para ser o mais popular (no sentido de atingir todas as camadas da sociedade) e de maior alcance público, possuindo características específicas tanto de emissão quanto de recepção. Boa parte dessas características pode, inclusive, ser classificada como vantagem em relação aos demais meios de comunicação de massa. Entre elas, destacando-se a utilização de uma única linguagem (pelo lado do emissor) e um único sentido (em relação ao receptor), a mobilidade, o imediatismo, a penetração abrangente, o baixo custo e a sensorialidade. (ZUCULOTO, 2012, p. 23).

Outras peculiaridades radiofônicas que também ampliam o alcance do veículo são a portabilidade (barato e fácil de carregar) e a proximidade (possível de ser compreendido por analfabetos, por exemplo). Além disso, conforme Ferraretto (2007, p. 26), a radiodifusão pode ter um formato educativo-cultural que “pretende formar o ouvinte, ampliando seus horizontes educativos e culturais”.

Tendo em vista esses potenciais, confirmados ao longo da história, seria possível pressupor o rádio como um solo fértil para incentivar o desenvolvimento do exercício crítico mediático. No entanto, é necessário compreender os empecilhos que dificultam a produção e a transmissão de programas interativos, que recebam reclamações e dúvidas dos ouvintes, podendo ser um espaço para, quase em tom de conversa amistosa, explicar à audiência rotinas produtivas e escolhas editoriais.

² Conforme dados recentes da Pesquisa Brasileira de Mídia – BPM 2016, o rádio é o terceiro veículo mais acessado por pessoas em busca de informação sobre o que acontece no país. Apesar de “perder” para a TV e para a internet na preferência, o rádio ultrapassa os dois veículos quando a pergunta aborda a credibilidade. Nas notícias de rádio, 29% das pessoas confiam sempre. No caso da TV e de sites, o índice cai para 28% e 6%, respectivamente. Mais informações são disponibilizadas em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>



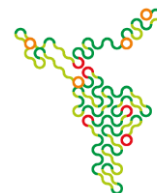
Entre os dez impasses para se efetivar a crítica de mídia no Brasil, Christofolletti (2003) lista a concentração e a presença de oligopólios, o coronelismo (que permite a políticos exercerem o domínio sobre canais), o dial restrito de rádios comunitárias e a falta de fiscalização dos concessionários (resultando na renovação automática de concessões). A ausência de punição para profissionais que descumprem compromissos éticos do Jornalismo também é um fator. Por fim, a rara participação popular é apontada como grande obstáculo para a consolidação de uma prática de autoanálise da imprensa brasileira.

Depois de apresentar referências para demonstrar o potencial democrático do rádio, Rocha (2013) problematiza a baixa presença do público na programação radiofônica. Segundo ele, características como a linguagem oral e a mobilidade (permitindo que seja ouvido no carro, no trabalho e durante o desempenho de outras atividades) deveriam contribuir para sua proximidade com a audiência. “A despeito de o rádio possuir características que o aproximam de seu público, o controle das vozes que vão ao ar permanece nas mãos dos emissores, ficando os receptores, na maioria dos casos, relegados a participações insignificantes na programação radiofônica” (Rocha, 2013, p. 97).

Moreira (1998) observa o problema, enfocando o uso (e abuso) político-partidário que se fez (e se faz) do rádio, em contexto nacional. A pesquisadora cita exemplos ao redor do mundo e aprofunda o estudo de casos ocorridos no Brasil ao longo do século XX. Segundo ela, a presença de um *ombudsman* nas emissoras seria uma forma de conter deformações no emprego dos meios de comunicação.

A presença de um profissional dedicado a supervisionar o conteúdo e a linha editorial do veículo, com autonomia para fazer críticas e se relacionar com o público em nome da empresa representa um grande avanço para o rádio, mas tudo indica que essa prática deverá levar um bom tempo para ser adotada por um número expressivo de emissoras. [...] Apesar dos conflitos que se projetam para o futuro do rádio brasileiro, a presença do *ombudsman* nas emissoras poderia ajudar a evitar algumas distorções, entre elas as de natureza político-partidária, aplicando no rádio a essência do jornalismo, que é ouvir – sempre – todas as partes envolvidas em uma questão e não apenas repetir ideias de determinados grupos. Dessa forma, o rádio estaria servindo cada vez mais como instrumento de cidadania. (MOREIRA, 1998, p. 145-146).

Sonaglio et al (2014) chamam ainda a atenção para as peculiaridades técnicas da crítica realizada em rádio e televisão. Ao contrário dos jornais impressos, em geral, veículos radiofônicos e televisivos transmitem conteúdo durante as 24 horas do dia e mesclam mais produções jornalísticas com entretenimento. Por fim, considerando a linguagem oral, outra característica do rádio, “a margem para a interpretação dos conteúdos pode gerar uma gama maior de possibilidades” (Sonaglio et al,



2014, p. 3). Canais privados, públicos e estatais também apresentam diferenças que influenciam no trabalho de ouvidoria.

Ombudsman: quem representa também ensina

A pesquisa sobre significado da palavra “*ombudsman*”, realizada e apresentada por esta autora em publicação anterior (Azeredo, 2016), remete à origem escandinava, traduzida por Costa (1991) como “aquele que representa”. Mendes (2002), porém, afirma que o termo significa “pessoa encarregada de delegação” e refere-se ao cargo instituído por lei em 6 de junho de 1809 no regime monárquico-parlamentar da Suécia. Tratava-se de um ouvidor, responsável por receber as reclamações do público em relação ao governo e repassá-las às autoridades.

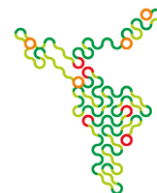
No caso da imprensa norte-americana, o primeiro jornal a contratar um *ombudsman* foi o *Louisville Courier Journal*, em 1967. Entretanto, conforme Loures (2008), ele respondia aos leitores, realizando a crítica interna das produções. Ou seja, o *feedback* se limitava à redação (repórteres e editores) e aos retornos individuais ao autor dos apontamentos. Em 1970, o *The Washington Post* passou a tornar públicas, em colunas semanais, as análises feitas pelo representante do leitor. Uma década depois, foi fundada, nos Estados Unidos, a Organization of News Ombudsmen (Organização dos *Ombudsmans* de Imprensa), ONO³. Ela reúne membros em todo o mundo e promove conferências anuais a fim de discutir as práticas de representação do leitorado.

Tendo como base sua relação com o público, o ouvidor pode ser compreendido como representante de suas inquietações e como professor a lhe ensinar conceitos jornalísticos. É por meio desse profissional que o veículo de comunicação vai passar a dialogar, em um processo de duas vias, com sua audiência. É também dessa forma que os receptores terão a possibilidade de compreender valores que determinam a escolha da abordagem de uma notícia, que nem sempre ficam explícitos.

Como servir bem a sociedade se não se escutarem as razões de queixa dos diversos grupos de usuários e dos membros das outras instituições sociais? Estudos mostram o frequente desacordo entre os gostos dos usuários e a ideia que têm deles os dirigentes dos meios de comunicação. Estes últimos precisam ser informados. Olhar os gráficos de venda e os percentuais de audiência não é suficiente. (BERTRAND, 1999, p. 146-147).

Assim, é possível pensar em uma chance de conhecimento mútuo. Tanto o leitor precisa saber mais sobre os bastidores de produção jornalística, quanto os profissionais e diretores do veículo

³ Mais informações disponíveis no site oficial: <http://newsombudsmen.org/>



necessitam identificar melhor a própria audiência. A opinião de quem recebe importa a quem produz assim como os esclarecimentos dos emissores são necessários aos receptores. Trata-se de uma condição básica para que o processo comunicativo ocorra.

Para Braga (2006, p. 92), “a função crítica solicita ainda um perfil ‘pedagógico’ estrito, no sentido de ensinar, e amplo, no que se refere a acreditar nos processos de desenvolvimento qualitativo baseado na crítica”. Como mediador entre a obra e o público, o *ombudsman* desempenha a função de auxiliar o leitor na compreensão do produto jornalístico. “Cabe-lhe a tarefa de abrir horizontes amplos para a sociedade interpretar e julgar os objetos culturais”, refletem Christofoletti & Motta (2008, p. 37).

Ainda que não colocado como objetivo expresso, os processos da coluna geram um resultado de ordem pedagógica para o público leitor. Ao expor critérios e padrões jornalísticos, refletir sobre eles, examinar sua correlação com a prática, através dos casos criticados que, aí, funcionam como ilustração, a coluna “ensina”, isto é, oferece ao leitor vocabulário e conceitos de compreensão dos processos jornalísticos para além da detecção do “erro jornalístico” e do simples acordo ou desacordo com posições sobre os temas. (BRAGA, 2006, p. 105).

Ao ter contato com aquilo que o *ombudsman* escreve, o leitor terá a chance de aprender significados de termos técnicos quase sempre restritos à redação, como “*lead*”, “valor-notícia” e “*off the record*”. Muito além disso, valores até mesmo paradigmáticos, muitas vezes conhecidos apenas por quem tem acesso aos manuais deontológicos, como imparcialidade e objetividade, são explicados na coluna.

Situações e normas que influenciam na decisão do que vira ou não notícia, do que merece ou não manchete... todos esses aspectos deixam de se restringir aos bastidores jornalísticos e ganham projeção a fim de ensinar a audiência, colaborando para que ela interprete melhor o produto final. Nesse sentido, as distâncias diminuem e o público tem a chance de dialogar, com mais desenvoltura, falando a linguagem dos profissionais da imprensa. Empodera-se e torna-se mais bem equipado para fazer a leitura das mensagens mediáticas.

Adísia Sá e a experiência na ouvidoria da Rádio O Povo

Apesar de os estudos referenciados abordarem, com maior frequência, a ouvidoria realizada em impressos, é possível (e necessário, como se viu anteriormente) refletir sobre a função de *ombudsman* a partir do meio radiofônico. Essa forma de representação do público toma características



peculiares, que enfatizam o aspecto dialógico do contato entre veículo e audiência. O exemplo aqui exposto é o da jornalista Adísia Sá⁴, ex-ouvidora da Rádio AM O Povo, no Ceará.

Sendo a primeira mulher diplomada em Jornalismo no Brasil, assumiu a ouvidoria entre 1998-1999. Ela, que antes de trabalhar no canal radiofônico, já era *ombudsman* do Jornal O Povo, segue atualmente como ouvidora emérita da empresa. Acerca dessa sua experiência, lançou o livro “Clube dos Ingênuos” (com edição esgotada pela Fundação Demócrito Rocha).

Eu já tinha a experiência de jornal. Apenas, transferi para um veículo diferente, que tinha mais penetração que o jornal. (...) Então, as pessoas, no rádio, sempre procuram se informar mais, procuram esclarecer. Às vezes, dá trote. Mas, é uma experiência muito rica. Vale a pena sairmos um pouco do jornal e até mesmo da televisão para irmos para o rádio. Porque no rádio, a resposta é no momento. (...) É uma experiência que só vivendo. (SÁ, 2017, s/n).

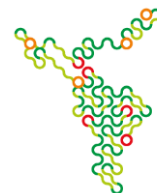
De acordo com a jornalista, a instantaneidade do canal radiofônico é um desafio para quem assume como *ombudsman*. Comparando com o jornal impresso, ela afirma que é maior a necessidade de estar atento à programação, às rotinas produtivas e às escolhas editoriais, já que o retorno ao ouvinte precisa ser dado com agilidade.

O pessoal de rádio é muito mais atento que o pessoal de jornal. (...) A pessoa que ouve o rádio, ela quer logo falar. O jornal a pessoa vai ler à noite ou vai ler de manhã, vai arranjar um tempinho pra se comunicar. O rádio não. Na hora que ele ouve você falando, (...) ele já tá ligando pra pedir uma informação, pra pedir um esclarecimento. (...) Pra mim, o que marca o rádio é a instantaneidade e, por ser instantâneo, as pessoas não se arrumam tanto pra fazer as perguntas. (SÁ, 2017, s/n).

Os programas da ouvidora ocorreram em caráter experimental: inicialmente, toda a semana. Depois, todos os dias. Começavam às 9h40min e duravam em torno de 30 a 45 minutos, dependendo da demanda. Durante seu expediente, mesmo fora do ar, a jornalista permanecia à disposição dos diretores, ouvintes e leitores de O Povo para prestar esclarecimentos. “O rádio não é para pensar; é para responder. Ou você sabe; ou você não sabe”, define Sá (2017, s/n).

Ela desmente casos de divergências com colegas e afirma que, devido à sua trajetória no magistério e no jornalismo, era muito respeitada dentro da empresa, quando contestava algo. “O microfone não é entregue a qualquer um. (...) Ele tem que estar muito bem informado e gozar de muita credibilidade”, observa Sá (2017, s/n). Nem todo o jornalista, segundo ela, tem a independência e a respeitabilidade suficientes para assumir a tarefa de criticar a própria empresa.

⁴ Mais informações sobre o perfil e a história da jornalista e professora Adísia Sá estão disponíveis no documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=6PDEbcXZQyE&t=515s>



A *ombudsman* emérita não sabe citar outros exemplos existentes em rádio no Brasil e, inclusive, explica que na Rádio O Povo, o cargo foi extinto. “Nem toda a emissora tem coragem (a expressão é muito pesada, mas é isso mesmo) de dar o microfone para alguém criticá-la. Não é fácil você ser criticado”, reconhece Sá (2017, s/n).

Considerações finais

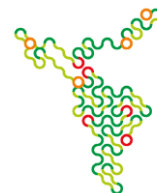
Como se referenciou inicialmente, pesquisas mostram o potencial de autocrítica e ouvidoria do rádio e a necessidade de estudar sobre essa especificidade da crítica jornalística. Por sua abrangência, o meio radiofônico pode se constituir em um importante canal para popularizar o conhecimento acerca do funcionamento dos veículos midiáticos. Ao transmitir informações sobre si mesmas, as rádios, que são concessões públicas, tendem a contribuir para a melhor compreensão acerca do jornalismo como um todo.

Entretanto, no Brasil, são sabidos os entraves para a implementação efetiva do exercício autocrítico. Por isso, é nos raros exemplos que se busca a possibilidade de refletir acerca da prática de ouvidoria e crítica. Se ela é necessária, mas, não é realizada de forma ampla, o que se pode dizer dos casos que resistem a esses empecilhos? O relato de Adísia Sá remete à dimensão pedagógica e representativa da função de *ombudsman* – dimensão reconhecida por pesquisadores da área.

Além de receber as reclamações e as dúvidas dos ouvintes da Rádio O Povo, a jornalista buscava explicações internas, em contato com colegas e diretores, e transmitia o resultado desse processo interativo nos programas matinais. Era necessário representar o ouvinte perante a redação, prestar contas e ensinar a esse ouvinte os conceitos e procedimentos quase sempre restritos ao campo profissional. E isso tudo no formato dinâmico que o rádio demanda.

Ao encerrar este artigo, cumpre-se o objetivo de apresentar o registro da experiência de Adísia Sá e de atualizar reflexões sobre a crítica jornalística realizada no meio radiofônico. É reconhecida a possibilidade de ampliar essa pesquisa para uma análise de conteúdo dos programas produzidos e apresentados por ela entre 1998 e 1999. Os obstáculos que limitam o exercício autocrítico e a atividade de *ombudsman* nas empresas jornalísticas não impedem a tentativa de olhar para as experiências já realizadas a fim de repensar questões práticas e teóricas acerca do tema.

Referências



AZEREDO, Diana. **Ética e narratologia**: significados que emergem da coluna da *ombudsman* Vera Guimarães Martins. 2016. 97 f. Monografia (Curso de Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1457/1/Diana%20de%20Azeredo.pdf> Acesso em: 21 mai. 2018.

BERTRAND, Claude Jean. **A deontologia das mídias**. Bauru: Edusc, 1999.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Dez impasses para uma efetiva crítica de mídia no Brasil. In: XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: INTERCOM, 2003.

CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L. G. (Orgs). **Observatórios de Mídia**: Olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008.

COSTA, Caio Túlio. **O relógio de Pascal**: a experiência do primeiro ombudsman da imprensa brasileira. São Paulo: Siciliano, 1991.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: O Veículo, a História e a Técnica. 3. ed. Porto Alegre: Doravante, 2007.

HAUSSEN, Doris Fagundes. O Rádio em Teses e Dissertações dos PPGs em Comunicação brasileiros (2002-2012). In: ZUCULOTO, V. R. M.; LOPEZ, D.; KISCHINHEVSKY, M. (Org.). **Estudos Radiofônicos no Brasil**: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia. São Paulo: INTERCOM, 2016.

LOURES, Ângela da Costa Cruz. Pequena história da crítica de mídia no Brasil. In: CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L. G. (Orgs.). **Observatórios de mídia**: olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008.

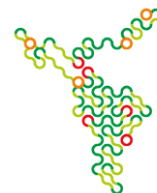
MENDES, Jairo Faria. **O ombudsman e o leitor**. Belo Horizonte: Ed. O lutador, 2002.

MOREIRA, Virgínia Sonia. **Rádio Palanque**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

ROCHA, Leonardo Barreiros. Ouvir, falar e transmitir: a interatividade no rádio e o programa Rádio em Debate. In: PAULINO, F. O.; SILVA, L. M. (Org.). **Comunicação Pública em debate**: Ouvidoria e Rádio. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2013.

SÁ, Adísia. **A ouvidoria na Rádio O Povo**. Entrevistadora: D. Azeredo. Florianópolis, 2017. 1 arquivo em MP3 (32 min.). Entrevista concedida à pesquisa A ouvidoria em rádios brasileiras.

SONAGLIO, A. E. et al. Participação, acesso e interação: desafios e perspectivas para ouvidorias de mídia. In: XII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES DA COMUNICAÇÃO (ALAIC), 2014, Lima. **Anais....** Lima: ALAIC, 2014. Disponível em: <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/11/vGT18-Sonaglio-Coelho-Mendes-Pedrosa.pdf> Acesso em: 24 jul. 2017.



ZUCOLOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar**: a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. A história do campo acadêmico do rádio no Brasil: registros referenciais para uma proposta de roteiro de percurso. In: _____; LOPEZ, D.; KISCHINHEVSKY, M. (Org.). **Estudos Radiofônicos no Brasil**: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia. São Paulo: INTERCOM, 2016.